

Udi Butler, Irene Rizzini, Marcelo Princeswal, Roberta Abreu, Paula Caldeira, Alessandra Caldeira
Nós: a revolução de cada dia

Book section

Original citation:

Originally published in Butler, Udi Mandel, Rizzini, Irene, Princeswal, Marcelo, Silva de Abreu, Roberta, Caldeira, Paula, Caldeira, Alessandra and Rony, Gaelle (2007) *Nós: a revolução de cada dia*. [CIESPI/ PUC](#), Rio de Janeiro, Brazil. ISBN 9788560079049

© 2007 [CIESPI](#)

This version available at: <http://eprints.lse.ac.uk/59349/>

Available in LSE Research Online: September 2014

Support: Economic and Social Research Council (UK) through the Research Programme Non-Governmental and Public Action <http://www.lse.ac.uk/collections/NGPA/> Chapin Hall Center for Children, University of Chicago (USA) and Kellogg Foundation (USA)

LSE has developed LSE Research Online so that users may access research output of the School. Copyright © and Moral Rights for the papers on this site are retained by the individual authors and/or other copyright owners. Users may download and/or print one copy of any article(s) in LSE Research Online to facilitate their private study or for non-commercial research. You may not engage in further distribution of the material or use it for any profit-making activities or any commercial gain. You may freely distribute the URL (<http://eprints.lse.ac.uk>) of the LSE Research Online website.

This document is the author's submitted version of the book section. There may be differences between this version and the published version. You are advised to consult the publisher's version if you wish to cite from it.



. A Revolução de Cada Dia .

. DayanaConceição . DayaneConceição .
EronNicolau . GabrielaTorres . LeandroPaiacan
. ManuelleRosa . QuêniaLopes .



em convênio com a



Nós

. A Revolução de Cada Dia .

DayanaConceição . GabrielaTorres . EronNicolau
. QuêniaLopes . ManuelleRosa . LeandroPaican .
DayaneConceição .

Equipe CIESPI:

UdiButler . IreneRizzini . MarceloPrinceswal .
RobertaAbreu . PaulaCaldeira . AlessandraCaldeira

CIESPI - Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância, em convênio com a PUC-Rio.

O CIESPI é um centro de estudos e de referência dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados à infância e juventude e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção, defesa e garantia dos seus direitos.

www.ciespi.org.br

ciespi@ciespi.org.br

Tel/fax: (55 + 21) 2259-2908

Caixa Postal: 38002 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil - Cep 22451-970

Pesquisa Juventude e Participação Cidadã

Coordenadores: Irene Rizzini e Udi Mandel Butler

Equipe: Marcelo Princeswal, Roberta Abreu, Paula Caldeira e Alessandra Caldeira

Narrativas: Dayana Conceição, Dayane Conceição, Eron Nicolau, Gabriela Torres, Leandro Paíacan, Manuelle Rosa e Quênia Lopes

Capa: Vicente Barros e Marcela Carvalho

Diagramação: Manuelle Rosa

Ilustrações: Udi Mandel Butler

Fotos: Arquivo pessoal dos autores

Revisão: Roberta Abreu e Paula Caldeira

Apoio: Economic and Social Research Council (Reino Unido), Chapin Hall Center for Children, University of Chicago (EUA) e Kellogg Foundation (EUA)

Nós: a revolução de cada dia / CIESPI.
–Rio de Janeiro: CIESPI/PUC-Rio, 2007.

75 p. : il. ; 16 cm

ISBN 978-85-60079-04-9

1. Juventude 2. Participação. 3. Cidadania.
4. Narrativas. I. Centro Internacional de
Estudos e Pesquisas sobre a Infância.

CDD: 362.7

Impresso no Rio de Janeiro, Brasil, em março de 2007.

Sumário

Introdução	5
<i>Eu: a caminhada da vida</i> Dayana Conceição	10
<i>Era uma vez...</i> Gabriela Torres	19
<i>Na luta para mudar</i> Eron Nicolau	26
<i>O Sul do Brasil</i> Quênia Lopes	33
<i>Sem vocação para ser marionete</i> Manuelle Rosa	40
<i>Atitude para fazer a diferença</i> Leandro Paiacan	48
<i>Militância: a libertação da inércia</i> Dayane Conceição	58
Bastidores	66



Introdução

A Revolução de Cada Dia...

“Existem duas maneiras de rejeitar a revolução. A primeira é se recusar a perceber que ela existe; a segunda é vê-la manifestar-se onde não ocorre. Estas são respectivamente as visões reformista e dogmática. No entanto, a revolução hoje em curso é de grande amplitude, e manifesta-se no nível molecular ou microscópico”
(Guattari, 1996, p.8). *Soft Subversions.*

Onde se encontram as revoluções de hoje? Aquelas revoluções que mudam bruscamente a sociedade, o modo como as coisas funcionam, se organizam, o modo como as pessoas pensam. Guattari nos provoca a pensar de uma forma diferente sobre tais mudanças, guiando nosso olhar não apenas para as “grandes revoluções”, que são as formas tradicionais de organização e mobilização política, mas para outras direções, onde também possamos encontrar o que é o político. Ele está presente, por exemplo, no nível local (em nossa comunidade, vizinhança, escola); no nível interpessoal (como nos relacionamos uns com os outros, com nossa família, com o desconhecido, o diferente); e também no nível subjetivo (como pensamos e sentimos, reagimos, sonhamos).

Para este autor, como para muitos outros, o poder - que é a capacidade de influenciar - não se restringe a instituições como o estado, o partido político, o sindicato, nem mesmo a figuras como o presidente, o policial ou o professor. O poder também circula pela sociedade, como as veias pelo corpo, atuando através das formas de pensar, de agir e reagir, de fazer sentido do mundo, de relacionar e até sonhar. A revolução, então, não está somente relacionada à dominação das instituições políticas de uma sociedade, mas de forma muito mais íntima ao nosso dia-a-dia, às transformações nos modos de ser e estar.

Esse nível molecular e microscópico faz-se claramente visível nos tex-

tos que aqui apresentamos. Vindos de diversos campos de atuação - como o Movimento Negro, a Cultura *Hip Hop*, o desenvolvimento comunitário, o Movimento *Gay*, o Movimento Trabalhista – um dos vários pontos de encontro entre as trajetórias reunidas neste livro é a forma sensível com que os autores descrevem suas revoluções moleculares e microscópicas. Elas geram um processo transformador em todos os níveis do ser, seja no reconhecimento e identificação com sua etnia, com sua sexualidade e/ou com sua comunidade. O que une esses processos de mudança é o desejo de assumir e de embarcar na luta pelo direito à igualdade; ao reconhecimento; à liberdade de expressão; pela transformação do que nos cerca. Acreditamos que a “grande revolução” da qual nos fala Guattari esteja ligada a soma de várias micro-revoluções, que ao se atravessarem, vão recriando novas práticas.

Hoje em dia muito se comenta sobre os jovens não serem tão politicamente engajados como nas décadas passadas. Estariam se tornando cada vez mais individualistas, consumistas, apáticos em relação a questões políticas e ausentes em projetos coletivos na luta pela transformação social. Porém, como alguns demonstram nesta publicação, o espírito inquieto da juventude perante a injustiça e a desigualdade continua mais do que vivo. Embora não representem necessariamente a maioria, grupos de jovens continuam se mobilizando através de múltiplas formas e em diversos espaços com o objetivo de transformar a realidade em que vivem.

Atualmente os espaços de resistência e expressão política se tornam cada vez mais diversificados. Espaços como a *internet* oferecem novas formas de se comunicar, debater e organizar ações políticas. Novos espaços de debate como o Fórum Social Mundial possibilitam a convergência de vários campos de atuação contrários a uma forma de globalização que favorece os interesses capitalistas. Formas culturais, como o *Hip Hop*, o teatro, o cinema, oferecem novas possibilidades de “juntar gente”, de expressar e refletir o mundo a nossa volta. O fortalecimento de temas como a proteção ao meio ambiente também proporciona novos patamares de luta, agregando jovens (talvez mais do que qualquer outro tema da atualidade) na busca de formas mais equilibradas de convívio com a natureza. Ao mesmo tempo em que surgem novos espaços de participação, os desafios enfrentados pela juventude são imensos: desemprego, violência, falta de escuta e compreensão tanto da sociedade adulta como de outros jovens. Tais desafios podem ser observados nos textos a seguir.

Para estes jovens e para os grupos nos quais se inserem, a questão da transformação social não se restringe aos espaços e instituições tradicionais da política, estando presente igualmente em frentes de resistência ao poder em sua forma difusa. Poder este manifesto na cultura machista, homofóbica, racista, elitista e nas maneiras de pensar e sentir que elas propagam. As reflexões narradas aqui mostram como essas culturas opressoras estão atuantes no dia-a-dia, e como é possível confrontá-las e efetuar mudanças.

Por outro lado, ainda que tenhamos observado novas formas e espaços de participação da juventude, não podemos descartar que os modos tradicionais ainda se fazem presentes e mantêm grande importância. Destacamos, por exemplo, a participação de jovens nas assembleias legislativas, em sindicatos, em partidos políticos ditos conservadores ou progressistas, nos movimentos estudantis, dentre outros. Assim podemos notar a importância da organização estudantil como forma de mobilização política, como no caso do “Movimento Pinguim” no Chile, cujos protestos em 2006 provocaram mudanças de políticas públicas em torno da educação. Também podemos observar o crescimento do voto jovem nas recentes eleições no Brasil: de acordo com os dados do tribunal Superior Eleitoral (2006), houve um aumento de 39.3% entre os jovens de 16 a 17 anos que obtiveram o título de eleitor. Cabe ressaltar que tanto as formas “tradicionais” quanto as “inovadoras” coexistem na esfera pública, em maior ou menor grau, de acordo com as circunstâncias e com o contexto político. Não se trata, portanto, de forças excludentes, não raro encontramos jovens que participam, por exemplo, de movimentos relativamente recentes e de partidos políticos tradicionais.

Os textos que compõem este livro resultam de um processo de criação individual e coletivo de um grupo de sete jovens provenientes de segmentos bastante diversos da sociedade carioca, entre 15 e 27 anos de idade. O livro apresenta as trajetórias destes jovens, focalizando sua participação em diferentes grupos, movimentos e projetos comprometidos com a luta por justiça social e cidadania.



O grupo começou a se reunir de forma sistemática em julho de 2006, a partir da conjugação de dois projetos desenvolvidos pela equipe do CIESPI: Culturas de Participação e Jovens Engajados nas Américas¹.

O projeto Culturas de Participação teve início em maio de 2005, com o objetivo de compreender como os jovens entendem e praticam a cidadania na esfera pública da cidade do Rio de Janeiro. O que significaria para eles conceitos e ações de cidadania, participação, protagonismo e empoderamento?

Na primeira fase desta pesquisa, identificamos 20 iniciativas, movimentos sociais, projetos e organizações não governamentais que se propõem a atuar com esta parcela da população, com foco na promoção de direitos, cidadania e acesso a oportunidades culturais.

Esses grupos foram escolhidos através de debates entre a equipe, de sugestões de outros pesquisadores do CIESPI e de instituições parceiras, com o intuito de reunir um leque representativo da variedade de iniciativas nas quais os jovens participam.

A partir das visitas e entrevistas com profissionais e jovens atuantes nestas organizações, iniciamos uma segunda etapa, cuja proposta era aprofundar as histórias de engajamento e participação de um grupo diversificado de jovens. Inspirados no estudo coordenado por Maria de los Angeles Torres (Chicago), a idéia era ir além das entrevistas com os jovens e iniciar um processo coletivo de narrativa e discussão das experiências de cada um. Como eles próprios bem denominaram, tratou-se de um processo de reflexão sobre “suas vidas dentro do ativismo e o ativismo dentro de suas vidas”, onde foram abordados os desafios, as dificuldades e os prazeres dos caminhos escolhidos.

O livro foi composto coletivamente, incluindo a colaboração, o debate e a reflexão de todos, mas revela também momentos muito íntimos de criação de cada um, com suas lembranças, pensamentos e sentimentos. Esperamos que ele sirva como uma afirmação da realidade e da força das revoluções moleculares e microscópicas que, somando-se, mostram que um “outro mundo” realmente é possível.

A Equipe:
Udi Mandel Butler, Irene Rizzini, Marcelo Princeswal, Roberta Abreu,
Paula Caldeira e Alessandra Caldeira.
Janeiro 2007

¹ Agradecemos aos parceiros internacionais que nos apoiaram: Economic and Social Research Council (Reino Unido); Chapin Hall Center for Children, University of Chicago (EUA) e a Kellogg Foundation (EUA), bem como a parceria de pesquisa com a University of Illinois, Chicago, USA, na coordenação de Maria de los Angeles Torres e com a Universidad Autónoma Metropolitana de México, sob a liderança de Norma del Rio Lugo. Para mais informações, acessar: www.ciespi.org.br.

A experiência de Chicago serviu de base para a parceria entre as 3 universidades acima citadas na formulação do projeto Engaged Youths in the Americas - Chicago, Rio de Janeiro and Mexico City.

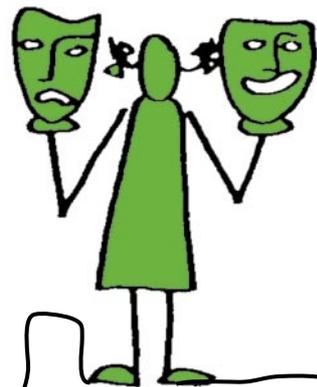
Ressaltamos que todas as decisões tomadas para essa publicação - os textos e imagens, o projeto gráfico, a capa, o título - assim como os mecanismos de divulgação e distribuição são resultado do trabalho do grupo. Nesse processo contamos também com a ajuda de Vicente Barros, Marcela Carvalho e Paula Caldeira.



EU:

a caminhada
da vida

Dayana Conceição



Dayana Conceição,

16 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e foi criada no bairro de Bangu na comunidade de Vila Aliança, onde ainda reside.

Cursa o segundo ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Bangu.

No final de 2000, entrou no grupo Caixa de Surpresa, participando de oficinas de cidadania integrando a dança e o teatro.



Aproximadamente em 2002, iniciou o trabalho de cidadania com seus companheiros de turma no CIEP Ollof Palme.

Em 2003 começou seu trabalho voluntário de teatro no Projeto Semente do Amanhã e em 2004, entrou para o projeto Talento da Vez, que deu início a Cia Aplauso.

Ainda em 2004, começou a atuar como coordenadora do Fórum Estadual de Jovens Negras, tendo participações em mesas de debates e passeatas junto com o Movimento Negro, Movimento Feminista e o Grupo Arco-Íris.

Em 2005, começou a atuar no projeto JPEG (Jovens pela Equidade de Gênero) como promotora, realizando encontros com jovens das comunidades de Nova e Vila Aliança e participando de capacitações.

Todas essas participações continuam presentes na vida de Dayana.

Acredita que a militância é uma forma de dar ao jovem a oportunidade de sentir-se útil para a sociedade, de crescer como pessoa, podendo mudar muitas vezes o rumo de sua vida.

Oi tudo bom? Meu nome é Marcos Paulo de Oliveira e vou te contar a história de uma adolescente chamada Dayana Conceição, minha amiga. Ela tem 16 anos, mora em Bangu na comunidade de Vila Aliança e está cursando o Ensino Médio no Colégio Estadual Bangu.

Essa é uma história muito interessante de uma jovem negra que mora em comunidade, assiste a todos os conflitos ali existentes, mas não se deixa levar. Você irá perceber que Dayana é uma jovem cheia de sonhos e que mesmo tão nova tem uma história de vida fascinante repleta de altos e baixos, porém acompanhada de grandes conquistas. Ah! Eu já ia me esquecendo de contar uma coisa que você não sabe. No decorrer dos próximos capítulos deste livro, você irá perceber que há um nome parecido, com uma história parecida, porém contada de forma diferente. Já entendeu o que eu quero dizer? Então vou te explicar: pelo jeito que eu contei você já deve ter percebido que Dayana tem uma irmã e que a história da mesma também está neste livro. Mas o que você não sabe é que Dayana é gêmea. Gêmea? É, gêmea! Figurinha repetida, “cara de um e focinho de outro”, “faísca e fumaça...”

Assim são Dayana e Dayane. É! Deus não contentado em fazer uma criaturinha fez duas para confundir nossas cucas. Elas são tidas como verdadeiros exemplos para a sua comunidade. Meninas sonhadoras, responsáveis, objetivas...

E^u nos altos e baixos da vida

Sempre fui criada pela minha mãe, mas como ela trabalhava eu passava a maior parte do tempo com a minha avó. Às vezes ficava com meu irmão, mas ele tinha que estudar, então eu ia mesmo para a casa da minha avó.

Até minha avó tomar conta de mim muitas pessoas me olharam. Ela sempre foi uma pessoa fundamental em minha vida se tornando uma espécie de alicerce, não só para mim como para toda a minha família. Hoje já não a temos mais, ela faleceu, mas fica aqui com a gente a imagem da mulher guerreira, que criou filhos e netos e que muitas vezes foi o herói da família.

Minha mãe sempre trabalhou, tenho uma grande admiração por ela. Criou os cinco filhos na comunidade sem que eles se envolvessem com nada de errado, dando a esses filhos o que ela julga ser o mais importante, os estudos. Nunca morei com o meu pai e nem sei os motivos que o levaram

a não me reconhecer como filha. O fato de não ser criada por ele nunca foi um problema para mim, mas às vezes batia uma dúvida e me perguntava: “por que um pai não reconhece um filho? Por que não acompanhar a vida de um filho?”. São perguntas que eu me fazia e acabava desistindo de responder. Não morar com o meu pai não me incomodava, minha mãe sempre cumpriu esse papel, sempre supriu as minhas necessidades, não me deixou em nenhum momento sentir falta de carinho ou de qualquer coisa que venha de um pai. Apesar de não ter contato com o meu pai, sempre tive contato com as minhas irmãs por parte dele.

Depois de tanto tempo morando sozinha com a minha mãe e os meus dois irmãos, minha mãe conheceu o meu padrasto, o Samuel. Ele passou a morar com a gente. Acho que não são fáceis as relações de “padrasto e enteada”, mas na minha vida ter um padrasto foi como um presente de Deus, pois a partir do dia em que ele entrou na minha vida eu sabia que os presentes do Dia dos Pais que eu fazia na escola não precisavam mais ser dados para a minha mãe. Não sei dizer porque Deus o colocou em minha vida, mas se o propósito era fazer a minha família feliz assim, Ele o fez. Meu padrasto morou nove anos com a gente e esses nove anos serviram para construirmos um laço muito bonito que nem o tempo e nem a morte podem apagar. Hoje já não o tenho do meu lado, ele faleceu, Deus o levou! Talvez seja porque Deus também goste do que é bom. Não me conformo! Mas sei que estava na hora dele, ele precisava partir e eu precisava ficar e ser forte para cuidar da minha mãe que tem alguns problemas de saúde e naquele momento seria como a minha filha. Eu teria que cuidar dela, e não me deixar abater. Mas carrego comigo a imagem do amigo, do protetor que Deus pôs em minha vida. É uma pena que ele não esteja mais aqui!

Adorava ficar na casa da minha avó, o quintal era grande, tinha bastante espaço para brincar, tinha os animais que a minha avó criava e era muito gostoso viver ali. Eu adorava brincar com os meus primos no quintal, corríamos para lá e para cá. Nos finais de semana quando minha mãe estava em casa eu brincava com as minhas colegas no portão.

Brincávamos de casinha, de queimado, de taco na lata, de amarelinha, de pique-esconde, de pique-pega, de pique-alto... foram essas as brincadeiras que marcaram os melhores anos da minha vida. Ali, eu me sentia feliz, livre, não tinha medo! Acredito que as brincadeiras são um momento sagrado de um ser e se ele não vive esse momento, não será capaz de conhecer ou entender sua própria história.

Ser criança é assim...

*Vou contar a minha história,
uma grande trajetória de quem viu o tempo passar.
Eram boas as brincadeiras que hoje me fazem lembrar.
Mas tenho saudades!
Saudades gostosas de bons tempos, cheios de fantasias, de grandes conquistas e de
grandes desafios que me trouxeram até aqui...*

Sempre fui uma criança animada, inquieta e faladeira, nunca gostei de nada que me fizesse ficar parada. Apesar de brincar com as minhas coleguinhas, eu sempre gostei de conversar com adultos, acho que foi o que me fez ser uma “criança adulta”. Ao mesmo tempo em que eu era criança e me comportava como uma, era adulta e madura.

A minha primeira escola foi a creche Fabinho. Minha avó quem me colocou lá. No primeiro dia de aula eu chorava muito, mas depois de alguns dias eu me acostumava e já não chorava mais. Em todos os meus primeiros dias de aula a minha avó era quem me levava, depois que eu me acostumava era o meu irmão. Na hora de vir da escola era muito divertido, vínhamos eu e meus primos cantando na rua. Também foi a minha avó quem me colocou na minha segunda escola, CIEP Olof Palme. No CIEP eu fazia parte do grupo de dança da minha turma. Foi a melhor escola que eu estudei. Sempre fui uma boa aluna, fui a primeira aluna da turma a aprender a ler. Era uma aluna bastante participativa. Depois de um tempo passei a fazer parte do CEC da escola, representava os alunos da minha escola nas reuniões.

A minha turma foi a mesma durante todo o tempo que estudei lá. Éramos mais que simples companheiros de turma, juntos formávamos uma só família e a professora Sandra Fernandes era a mãe dessa família.

No dia 10 de agosto de 2000, entrei no grupo Caixa de Surpresa, que ficava bem próximo da minha casa. Fui convidada pela minha vizinha Claudia e sua filha Tatiane Santiago, que fazia parte do grupo.

O grupo Caixa de Surpresa é formado somente por meninas e trabalha



Espectáculo Morro de Amores/Talentos da Vez - 2004

a dança e o teatro como forma de comunicação, focando a cidadania e a prevenção como principais objetivos de trabalho. O grupo é coordenado por Waldemir Correa e Leidimar Alvez Machado. Foi no Caixa que descobri que gostava de teatro e que era isso que eu queria. Os dois coordenadores apostaram no meu talento e na minha vida, mas jamais teria descoberto minha vocação se não fosse o grupo e o incentivo desses que caminharam comigo nesse mundo maravilhoso da arte, e que se tornaram fundamentais em minha vida. Hoje não posso falar da minha vida sem citar essas pessoas.

O Caixa de Surpresa me proporcionou muitas oportunidades, dentre elas a minha entrada no Talentos da Vez, que é um projeto da prefeitura que trabalha dança, teatro, circo, artes plásticas e música com jovens de diversas comunidades do Rio de Janeiro. O projeto formou a Cia Aplauso, da qual eu faço parte. Também tive a oportunidade de participar da novela Cobras e Lagartos, com direção de Wolf Maia e Cininha de Paula. Além disso, atuo na coordenação do Fórum Estadual de Jovens Negras (formado pela ONG CEDOICOM - Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher - que tem parceria com o Caixa de Surpresa), discutindo questões de raça e etnia e promovendo encontros estaduais para ampliar esta discussão.

Apesar de não gostar de política, sei da importância que ela tem para o nosso país. Sei o quanto é importante ver o mundo de forma política, e esse olhar político que eu tenho, eu ganhei ao participar de projetos.

Também faço parte do projeto Semente do Amanhã, que trabalha o teatro, a dança, aulas de reforço, de inglês e de espanhol, atendendo crianças e adolescentes da comunidade, e do Projeto Jovens pela Equidade de Gênero, do Instituto PROMUNDO (uma ONG que trabalha questões de gênero, saúde e violência intrafamiliar).

É importante para um jovem fazer parte de projetos, porque são eles que mudam a vida de um jovem fazendo com que ele tenha um olhar político para as coisas que acontecem ao seu redor, como aconteceu comigo. É de grande importância que esses projetos se façam presentes em comunidades para que os mesmos venham somar bons resultados, mas também é importante que aconteçam de forma verdadeira e que não sejam apenas mais um projeto que trabalha com jovens.

Você deve estar se perguntando como cheguei até aqui. Vou logo te dizendo que não foi fácil. Tive todo tipo de dificuldade que você possa

imaginar por ser jovem, por ser negra, por morar em comunidade... mas eu tinha que passar por cima de todas essas dificuldades. Afinal era o meu sonho que estava em jogo e eu precisava defendê-lo. Ele era tudo o que eu tinha naquele momento e eu precisava conquistá-lo, realizá-lo. Era a minha meta de vida e eu não iria permitir que as dificuldades cotidianas me impedissem de lutar. E hoje vejo o quanto foi importante não desistir de lutar pelos meus sonhos, pois se eu tivesse desistido não estaria aqui na Cia. Aplauso (Cia. de teatro, dança, circo e música), coordenando o Fórum Estadual de Jovens Negras, atuando na promotoria do projeto JPEG (Jovens pela Equidade de Gênero) e no grupo Caixa de Surpresa (fazendo dança, teatro, canto, percussão e etc). Confesso que ainda não realizei todos os meus sonhos. Também, só tenho 16 anos e ainda tenho uma vida inteira para sonhar e realizar. Mas o que já realizei me mostra o quanto é importante sonhar e acreditar no que se sonha.

Morar em comunidade requer muitos cuidados, morar aqui tem seus riscos. A violência aumenta a cada dia e junto com ela se vão os jovens, os adolescentes, que, vulneráveis, são vítimas do descaso social, do uso abusivo de drogas, são somados aos números do tráfico e acabam aproximando-se da morte. Mas também existem os que morrem inocentes, por serem confundidos, talvez por serem pobres, negros, por morarem em favelas, ou simplesmente por serem vítimas de balas perdidas. Muitas vezes somos vítimas daqueles que por lei deveriam nos defender, nos dar segurança, mas que ao contrário acabam contribuindo para que as violências nas comunidades continuem crescendo a cada dia. O mais revoltante é saber que essa sociedade não dá a mínima para esses fatos e que por hipocrisia e ignorância esconde essa verdade. Isso é revoltante.

Hoje conseguir que um jovem de comunidade cresça sem que ele

se envolva com o tráfico de drogas ou qualquer outra coisa que o leve para um caminho de destruição não é tão fácil. Muitos jovens estão morrendo nas comunidades, poucos estão concluindo o



Apresentação do Caixa de Surpresa no Seminário "Gênero e Etnia" 2006

segundo grau.

É muito triste saber que muitos desses jovens não tiveram a oportunidade de brincar, correr, enfim, a oportunidade de ser criança como eu fui, e de ter a chance que tive de mudar o rumo da vida. É triste saber que nossos jovens estão se perdendo. E nem se quer têm a chance de viver, de ter o mínimo de dignidade. Isso me entristece! Sei como é a vida na “favela”, eu sou de lá e é com grande tristeza que conto a nossa realidade, a realidade de quem perde um filho, um amigo, um irmão. De quem perde um dia de aula, de trabalho, de quem fecha seu comércio, de quem pula de um balanço, de quem se esconde dentro de um banheiro, enfim, de quem chora porque não agüenta mais tanta violência.

A comunidade conta a história de um povo que sobrevive do seu próprio suor e consegue as coisas com muito custo, mas que mesmo assim não desiste de viver, não desiste da vida e acredita que um dia tudo vai mudar. E ainda tira tempo para sorrir. Na verdade por mais que não reconheçam, somos o verdadeiro retrato do Brasil.

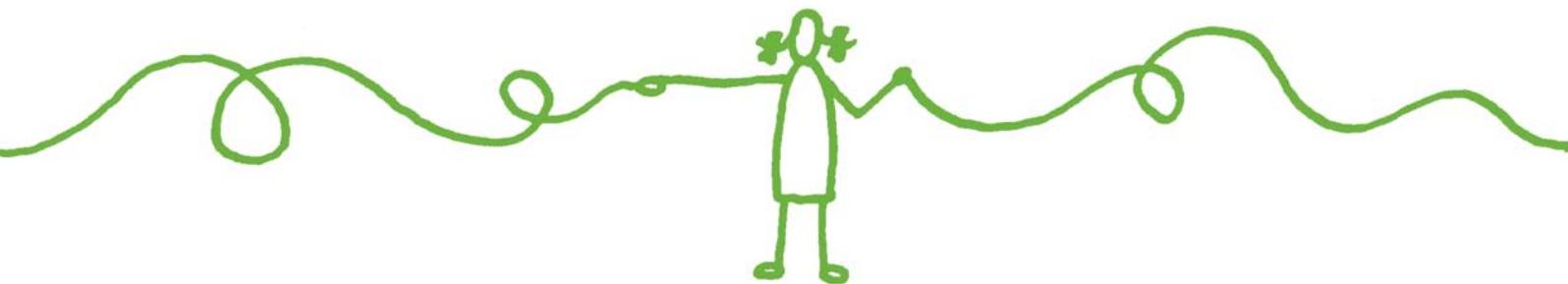
Você deve estar se perguntando como eu faço para me divertir. Bem, é verdade que quase não tenho tempo para me divertir, mas confesso que me divirto muito nos ensaios da Cia. e do Caixa de Surpresa. E tenho os meus amigos. Como pode perceber minha vida é uma correria, estou sempre ocupada.

Aprendi uma grande lição: por mais cruentas que sejam as tuas batalhas, jamais desista do que você sonha, do que acredita, da oportunidade que tem nas mãos. Jamais deixe as dificuldades cotidianas te impedirem de se realizar como pessoa, de se fazer feliz, de mudar o rumo da vida. A partir de hoje, passe por cima dos preconceitos, dos teus medos e acredite em você, acredite no que é capaz de fazer.

Dizem

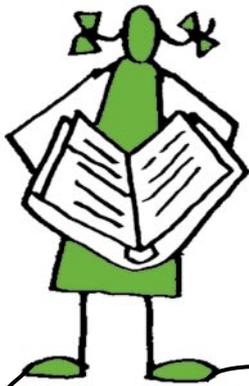
*Dizem que o mundo dá voltas
Mas sempre o vejo por aqui
Dizem que eu sou estranha
Mas o estranho vive aqui
Dizem que eu posso ir além
Mas me prendem aqui
Dizem que eu posso sonhar
mas não me deixam dormir
Dizem que eu tenho asas
mas não posso voar
Dizem que eu sou o futuro
mas não me dão estudo
Dizem que eu tenho oportunidade
mas me negam quando digo a idade
Dizem que eu tenho liberdade
mas me privam com esta grade
Dizem que eu posso gritar
mas alguém quer me calar
Dizem que eu tenho talento
mas vivo no relento
Assim eu não agüento!
Dizem que a alguém eu devo respeito
mas não sei quem é o sujeito
Dizem que dizem tudo
Mas isso é um absurdo!*

Dayana Conceição



Era

uma vez ...



Gabriela Torres

Gabriela Torres Barbosa,

27 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e foi criada no bairro de Botafogo (Comunidade Mangueira de Botafogo), onde ainda reside.

Cursa faculdade de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo na FACHA – Faculdades Integradas Hélio Alonso.

Desde 2002 participa do projeto Rede Brincar e Aprender, realizado pelo CIESPI, atuando como dinamizadora e contadora de histórias na Biblioteca Comunitária Padre Ítalo Coelho, situada na comunidade onde mora.

Atua ainda como mediadora de leitura junto ao projeto Plantando o Futuro na comunidade de Rio das Pedras, Jacarepaguá, desde outubro de 2006.

Idealiza mudanças através da educação, e crê que a leitura seja o pontapé inicial. Investe na infância e acredita que através dela a transformação social virá.



Nasci em maio de 1979, em Botafogo, Rio de Janeiro. Antes preciso dizer que minha mãe sonhou comigo e que quando nasci naquela madrugada fresca de outono, eu era exatamente como no sonho dela. Antes mesmo de chorar, espirrei, e foi assim que tudo começou.

Quando se nasce lá no alto do morro, seu destino é traçado como uma seta apontada marcando para sempre que aquele é o seu lugar. Apesar disso, é preciso reagir e modificar. As pessoas que não foram corrompidas pela pobreza e pela violência, ainda conseguem distinguir o bem e o mal. Não sei como consegui, não há receita. Minha infância apesar de muito pobre foi muito feliz. Não havia conforto, apenas o mínimo para sobreviver. Meus pais se separaram quando eu tinha seis anos, e minha mãe lutou muito para conseguir suprir as nossas necessidades básicas. Alimentos nunca faltaram. Recordo ainda, que durante muito tempo ficamos sem TV. O banheiro e a cozinha de madeira permaneceram durante toda a infância e invadiram a adolescência.

A influência dos meus pais nas minhas escolhas foi muito grande, por mais que não interferissem. Seria impossível não me inspirar nas participações políticas de ambos junto ao partido e a Associação de Moradores. Lembro de minha mãe levando minha irmã e eu ao movimento Diretas Já, em 1984. Dormíamos durante as reuniões que entravam pela noite e éramos embaladas por sonhos reais. A participação de mamãe no grupo de mulheres do Teatro do Oprimido me marcou muito também. A peça que elas fizeram era parte de nossas histórias. A cena do policial arrombando minha casa era uma mistura de dor e desabafo. Foi na infância que aprendi a ser justa e a lutar por justiça.

Nascer e morar em uma favela da zona sul do Rio de Janeiro facilitou a minha circulação em ambientes muito distintos. No mesmo estado, cidade, bairro, já presenciei realidades diferentes da minha. Ao entrar em um prédio de classe média percebi que as pessoas não se cumprimentavam no elevador, alguns nem mesmo conheciam seus vizinhos. Se precisarem de ajuda, dificilmente a encontrarão na porta ao lado.

Viver na favela “é só alegria”. Quando chego no morro todos me conhecem. As pessoas se falam, se beijam, se abraçam e realmente cuidam umas das outras. Na favela me sinto segura e reconhecida, tenho a liberdade de ser quem eu sou sem ter que montar uma personagem para agradar aos outros. Quando se vive em uma comunidade, este lugar passa a ser a extensão da sua casa. É como uma tribo, as pessoas se tratam como

membros de uma só família. Ninguém passa fome, pois sempre haverá uma porta aberta e um gesto de solidariedade.

Gosto de viver na favela, mas eu queria que as pessoas que nela vivem tivessem a oportunidade de escolher, que pudessem caminhar livremente sem que as outras pessoas se assustassem ao ouvir a palavra mágica “favela”.

É lá no alto do morro que se vive a dura realidade. A dura e doce realidade que não é mostrada nos jornais. O tráfico de drogas existe e a violência que aparece na mídia não é mentira. Entretanto sabe-se que as notícias são manipuladas para aumentarem a audiência. Toda essa violência é sustentada pelos mesmos que a denunciam na TV, pois a maioria das pessoas que usa drogas pertence às classes A e B. O traficante nunca saiu do morro e as armas não param de chegar em números cada vez maiores. Ninguém sobe o morro para documentar desfiles de moda, forró, capoeira, folia de reis, enfim, toda a vida cultural do nosso povo que é muito bonita e intensa.

Nunca deixei os sonhos de lado. Sempre soube que o pobre não faz faculdade, os ricos e poderosos se encarregaram de me dizer. Mas sei também que eu quis fazer e não puderam me impedir. As pessoas pobres não podem permitir que os outros direcionem suas vidas, temos que lutar desde a hora do nascimento até o último suspiro. Se há uma coisa que se aprende desde pequeno na comunidade é improvisar.

Tenho me incomodado muito por ter acesso a este mundinho medíocre e insano da classe média. Sinto-me culpada quando vou para a faculdade e encontro, todos os dias e na mesma calçada, uma mulher e seu filho com seus milhares de fantasmas. Sigo meu caminho enxergando cada vez mais coisas que estão me enlouquecendo e mais uma vez me sinto culpada por participar deste mundinho quase surreal. Volto para casa e faço o caminho inverso, retorno ao mundo real que agora parece menos duro depois de ver tudo isto.

Preciso lembrar também que tenho amigos que não se deixaram alienar mesmo tendo nascido no mundinho de ilusão. Isto só vem a acrescentar, são pessoas que enxergam bem o mundo em que vivem.

Gostaria de deixar claro que não estou me lamentando da minha condição, apenas quero mostrar a atual situação dos moradores da favela. Sei que sou privilegiada, uma felizarda vivendo com muito onde tantos não têm nada. Quantas mulheres na favela conseguem chegar aos 27 anos sem ter

filhos? Quantas pessoas conseguem fazer curso superior? Quantos têm contato com outro idioma? Quantos vão ao cinema? Quantos já foram ao teatro? Quantos freqüentam museus? Quantos já publicaram seus pensamentos? Quantos estão trabalhando? Quantos fazem o que gostam? Quantos sabem ler? Quantos?



Centro Luiz Freire / Pernambuco

Particpei desde a infância de projetos sociais na minha comunidade e na adolescência percebi que estava realmente enredada por este tipo de iniciativa. Comecei a me interessar por educação porque sempre achei que este seria o caminho para a mudança. A educação estava dentro de mim e eu ainda não havia percebido ou aceitado totalmente. Tentei fugir trabalhando em outras áreas e depois finalmente aceitei que esta era a minha missão. Ser uma arte-educadora, contadora de histórias, dinamizadora de biblioteca, tia ou qualquer destas funções me deixa muito honrada. Vejo com carinho toda e qualquer função ligada à educação e às crianças, principalmente. As crianças me ensinam a cada dia. A verdade, a sinceridade, a lealdade, a simplicidade, tudo isto está na criança.

Quando subo o morro e vejo todas as subclasses sociais que lá se encontram, ofereço apenas minha voz, meu carinho e atenção. Levo da Biblioteca Comunitária uma cesta com livros para a creche onde as crianças que vivem a dureza do mundo real, me aguardam ansiosas. Ouvem as histórias e depois abrem os livros que elas já conhecem, mas não se cansam de ver. E a cada vez que redescobrem os livros, os seus olhinhos brilham como se tudo fosse novo. Desço mais uma vez, impotente, deixando para traz o mundo real com a sensação de que poderia ter feito mais e melhor.

A minha participação direta em projetos e ONGs se dá há mais de nove anos. Particpei de muitos projetos direcionados à infância, de projetos direcionados às pessoas em situação de rua, às famílias e de um projeto de foto-jornalismo comunitário.

Eu contrario as estatísticas e quero contrariar cada vez mais, mas não quero fazer isto sozinha. Quero que todos consigam vir comigo. Sei que é um tanto utópico achar que todos chegarão a fazer tantas coisas antes impensadas. Mas se eu não puder sonhar um pouco não terei forças

para continuar. Minha arma é o meu cérebro. Construindo meus ideais, transformo minhas revoltas em poesias e muito em breve vou poder usar a comunicação e o jornalismo em favor dos excluídos. Com lápis e papel na mão e muitas idéias na cabeça, vou continuar insistindo na luta. Sempre em busca de uma nova realidade para aqueles que nunca perderam a esperança.

A clareza dos meus ideais é tão grande que fico com medo. Ser tão consciente me traz muitos problemas, pois o mundo está feio e às vezes fica difícil suportar. Tenho certeza que estou caminhando e espero concluir a minha missão neste mundo tão louco e desatento. Acredito que o investimento na educação é algo importante e os frutos deste trabalho lento e quase invisível em nossa sociedade serão a solução para as mudanças em nosso país tão desigual.

Acredito no amor e sei que é isto o que me faz continuar. Creio na vida, na renovação. São estas coisas que me fazem acreditar num real mundo melhor, justo, solidário, descente, natural e vivo.



*“Quando a bala sai da arma é notícia nos jornais.
Quem mora lá em cima sempre sabe algo mais, que o Pagode começa às vinte
e duas horas e o Forró já começou, Capoeira é na Quadra de Samba e a criança já jogou.
O jornal nem lembrou de mostrar o outro lado da favela.
Ei, você! Você mesmo, leitor! Não se prenda a estas notícias,
há muito mais a se dizer, suba o morro para a verdadeira vida nas favelas conhecer”.*

Vida

*Viver é permitir mudanças,
É estar vulnerável a cada instante,
É mover-se sem caber.
Cabendo onde não há morada,
Viver é tudo e é nada.
Casa desabitada.
Cheia e vazia,
Nada...nada...
Viver inibe ausentar,
Um ausentar-se de si mesmo.
A escolha é se anular,
Suicídio de pensamento.
Morte do pensar.
Constante estrutura ausente,
Presente desestruturado.
Tudo e nada ao mesmo tempo.
Tempo de se pensar.*

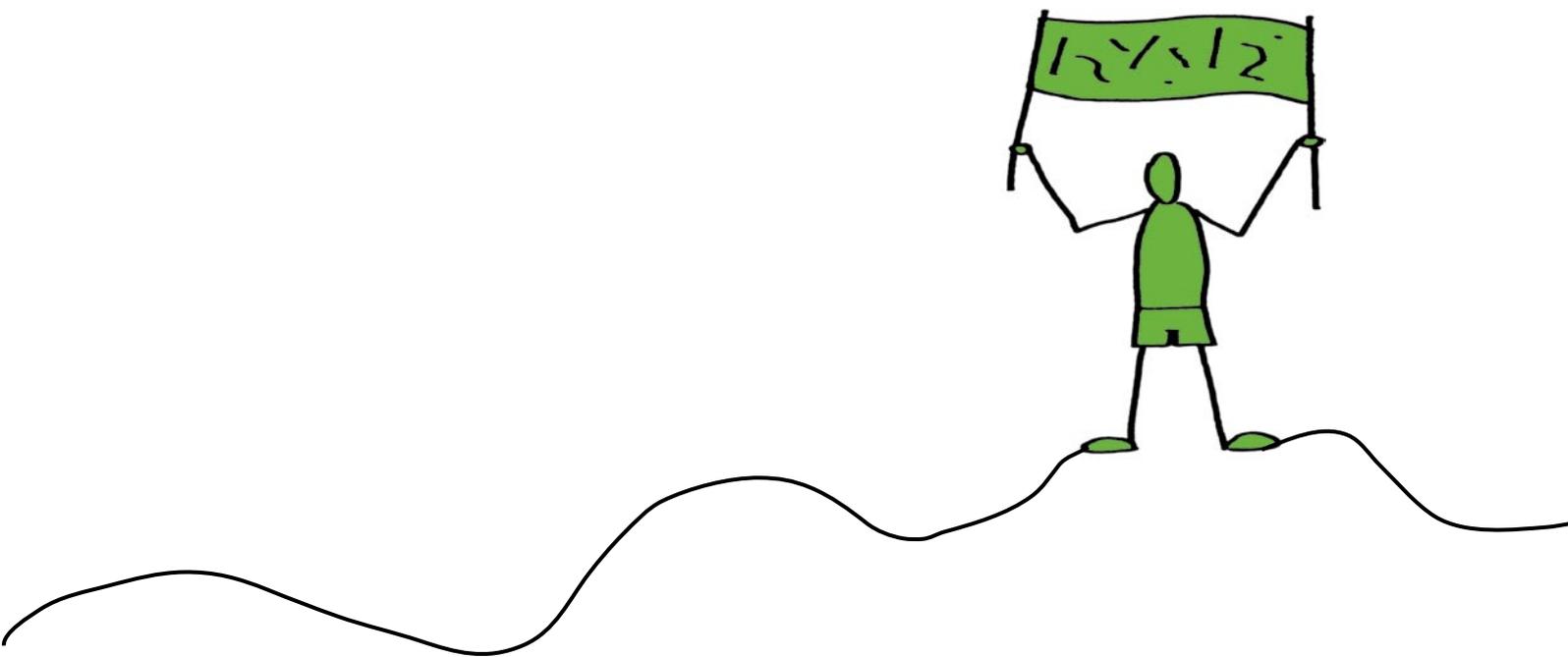
Gabriela Torres Barbosa



*Festa Junina da Biblioteca
Comunitária Padre Ítalo Coelho*

Na luta para mudar

Eron Nicolau



Eronides Oliveira Nicolau,

mais conhecido como Eron, tem 24 anos e nasceu no dia 03 de outubro de 1982, na cidade de Campina Grande, na Paraíba.

Cursa o 1º ano do Ensino Médio na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, em Marechal Hermes, com formação em Eletrotécnica.

A sua militância é na área trabalhista, na organização não-governamental Associação dos Adolescentes e Jovens Trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro - AAJT/RJ.

Para ele, ser militante é não se calar diante dos problemas, mas lutar pela garantia de seu ideal. Acredita que muitas vezes o militante pensa mais nas dificuldades de outras pessoas do que nas suas. Ele geralmente trabalha de segunda a segunda, sem folga e sem férias, pois acredita em um futuro melhor.



Chamo-me Eronides Oliveira Nicolau ou simplesmente Eron. Tenho 24 anos, saí da cidade de Campina Grande na Paraíba ainda criança, fugido de um pai que batia muito em minha mãe, para morar no Rio de Janeiro na Comunidade do Morro do Adeus com um padrasto. À princípio eu era um garoto rebelde e sempre arrumava um jeito de “matar” aula para ir à praia com os amigos da 8ª série. Nunca gostei de violência, mas quando alguém pisa bem forte no meu calo, aí não presta, eu fico muito “bolado”. Com o passar do tempo a relação entre meu padrasto e minha mãe foi ficando “estreita”, pois havia muitos gastos e meu padrasto começou a jogar tudo na minha cara. Então meu comportamento mudou e resolvi procurar um emprego. No início não estava encontrando, pois eles sempre pedem experiência e eu não tinha. No final de 2001 surgiu a oportunidade de fazer um curso de Auxiliar em Prótese Dentária, oferecido pela organização não-governamental Childhope Brasil. No início de 2002, eu e dois amigos fomos apresentar o resultado dos trabalhos no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Lá estava presente a ex-primeira dama do Brasil, a senhora Ruth Cardoso, esposa do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que na ocasião me pediu para fazer um modelo para servir de peso de papel na mesa de seu escritório. Além disso, fui convidado para dar entrevista a diversos jornais locais e para o SBT Repórter.

Na volta ao Rio de Janeiro, tínhamos a intenção de criar uma cooperativa, mas não foi possível, e os amigos perderam as esperanças e resolveram procurar outro meio de sustentabilidade. Eu também iria procurar outros caminhos se não conseguisse alguma oportunidade. Na época eu tinha muitos amigos que me chamavam para trabalhar na “boca de fumo”. Preferi lutar um pouco mais, pois não quero ver minha mãe sofrer, já que ela sofreu muitas coisas e enfrentou tudo e todos para garantir que eu tivesse a oportunidade que ela não teve. Em meados de agosto ou setembro de 2002, fui convidado a tentar reativar a Associação dos Adolescentes e Jovens Trabalhadores do Estado do Rio de Janeiro (AAJT/RJ), uma organização não-governamental sem fins lucrativos formada e administrada



POR e PARA adolescentes e jovens com idades entre 16 e 25 anos. A Associação foi criada em 28 de março de 1999, com o incentivo do grande sociólogo e ex-interno da antiga FUNABEM Jorge Barros, que veio a falecer em julho de 2005, deixando bons frutos por onde passou e o exemplo de muitas lutas contra o desrespeito aos Direitos Humanos. A Associação contou também com o apoio da Dr^a Angélica Abrantes, Auditora Fiscal do Trabalho da 1^a Região, que nos forneceu diversos textos e capacitação sobre o básico do direito trabalhista para crianças, adolescentes e jovens.

A AAJT/RJ é contra o trabalho infantil, pois sabemos que lugar de criança é na escola e que ela deve praticar atividades culturais e de lazer. Também buscamos garantir o trabalho do adolescente e do jovem com todos os direitos previstos, pois o que vemos no cenário nacional atual é que a todo o instante mais e mais adolescentes, jovens e crianças entram para o mundo do crime ou prostituição. Muitos dentre estes nem chegam a completar os 25 anos de idade e os que completam são presos e não aprendem uma profissão para serem postos no mercado formal de trabalho. Ou seja, muitos não são reintegrados à sociedade, pois o preconceito é imenso, fazendo com que eles voltem para o crime ou morram.

No Colégio Estadual Roma, em Copacabana, organizei uma chapa para concorrer a diretoria do Grêmio Estudantil, e fui eleito presidente. Enfrentei os diretores do município e do estado para garantir que a quadra da escola fosse liberada para o pessoal do turno da noite praticar a disciplina de Educação Física. Denunciamos a comercialização de alimentos na cantina e pedimos que o lanche fosse substituído por refeição, além de exigirmos também a reativação do laboratório que servia apenas como depósito de entulhos. Fui ainda convidado a participar de uma corrente estudantil ligada ao Partido dos Trabalhadores (PT) chamada REBELE-SE, e para participar do encontro da União Nacional dos Estudantes e União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UNE/UBES) em Mogi das Cruzes, no interior de São Paulo. Lá conheci pessoas com ideologias partidárias diferentes, porém com muita garra e liderança. Tive ali, minha primeira aula de política.

Em outubro de 2002, recebemos o financiamento para nossas atividades e em dezembro, durante a realização do IV Encontro Estadual dos Adolescentes e Jovens Trabalhadores, fomos eleitos por maioria dos votos num total de aproximadamente 185 participantes. Fui eleito para assumir o cargo de vice-presidente num mandato de três anos. Em agosto de 2003 tive a honra de participar da mesa de insta-

lação do Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e de Proteção ao Trabalhador Adolescente, onde a Associação é membro efetivo. Como o fiz lá no Fórum, também gostaria de deixar aqui o seguinte trecho da música de autoria de Geraldo Vandré:

*“Vem, vamos embora,
Que esperar não é saber,
Quem sabe faz a hora,
Não espera acontecer.”*

Em 2003, tive que comunicar aos financiadores da Associação o fato de que por má administração e desrespeito, o presidente estava falsificando cheques e assinaturas, roubando parte da bolsa-auxílio dos companheiros. Resolveram suspender o envio do apoio financeiro. Então, todos foram saindo, pois havia a necessidade de contribuírem nas despesas de casa—esse é um dos grandes problemas que afetam uma militância jovem. Quando eu “pisquei” os olhos, não havia mais ninguém ao meu lado, me vi sozinho na Associação.

Conheci o Udi (coordenador do projeto Culturas de Participação) no evento em comemoração aos 15 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no teatro Noel Rosa, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Nessa ocasião manifestei que em um evento onde se falava de crianças, adolescentes e jovens, não havia nenhum representante deles na mesa. Eles estavam presentes apenas na platéia para entregar certificados aos participantes e aos conhecedores das leis, que nem se preocupavam com o que o jovem e a criança tinham para dizer. Incentivei os jovens a não se calarem diante dos fatos, a parar qualquer evento e dizer “isso está errado”. No dia seguinte, houve outra comemoração aos 15 anos do ECA, uma caminhada da Igreja da Candelária até a Praça da Cinelândia, em frente à Câmara Municipal no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Tive a oportunidade de subir no carro de som e falar um pouco sobre a AAJT/RJ, além de falar do abuso por parte de algumas autoridades policiais. Afirmar que a questão não é a redução da maioridade penal e sim a ampliação de oportunidades, e



falei também que temos que nos “rebelar” para fazer algo mais à frente.

Em 15 de abril de 2005 juntei um grupo de amigos para eleger uma nova diretoria e legalizar a Associação, além de tentar entrar em contato com os financiadores novamente. Lutei muito para continuar na Associação, mas infelizmente não obtive respostas e fui obrigado a procurar um meio para me manter. Consegui um trabalho, porém, sabia que aquilo não era para mim, sabia que estava faltando algo em minha vida. Em minhas folgas continuei tentando contato com os financiadores, trabalhando para que o financiamento voltasse.

Em março de 2006, junto com a Cláudia, psicóloga da Childhope Brasil, consegui retomar o contato com os financiadores através de telefonemas para a Holanda. Eles se comprometeram a manter o apoio às nossas atividades, pedindo para enviarmos novamente o relatório e o projeto. Como prometido por eles, pontualmente em abril de 2006 chegou a primeira parcela do financiamento. Nossas ações estiveram voltadas no ano de 2006 exclusivamente para fortalecer nossa base, para chamar os associados a lutar pelos direitos que estão querendo nos tomar.

Em outubro de 2006, prestigiei a caminhada do Presidente e candidato à reeleição pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Luiz Inácio LULA da Silva, junto com o candidato a governo do estado do Rio de Janeiro pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Sérgio Cabral, da Praça da Candelária até a Praça da Cinelândia no Centro do Rio. No meio do empurra-empurra, consegui, junto com o vice-presidente da Associação, romper a segurança e entregar uma camisa da AAJT e uma cartilha ao presidente LULA. Tiramos fotos dele, tivemos a honra de vê-lo enxugando o rosto com a nossa camisa. Mesmo que ele não fique com a camisa, pelo menos saberá que nós existimos.

Em 24 de novembro de 2006, fui preso por passar perto de uma manifestação e parar para olhar policiais militares, que deveriam proteger a sociedade, espancando uma pessoa que já estava caída no chão e sem capacidade de reação. Fui levado para a 5ª Delegacia onde fiquei com mais duas pessoas que estavam na manifestação, em uma sala 4x4 m, com um buraco no chão e um mau cheiro tremendo, por duas horas. Fui acusado de ter mandado o policial militar “ir à merda” e de resistir à prisão, o que não aconteceu. Nós três fomos soltos pelo advogado do sindicato, que falou que eu poderia pedir uma indenização ao Estado por preconceito e outras coisas, já que o policial é branco, alto e forte. Em 2007 acontecerá



o julgamento do caso, mas mesmo assim não abandonarei a luta, pois eu não estava na manifestação e mesmo se estivesse, não haveria mal algum, pois manifestar não é contra a lei e em se tratando de trabalhadores, a Associação deve manter seu apoio a qualquer custo. Deixo ainda a seguinte frase:

“Na chuva, no sol, somos trabalhadores, o sangue que foi derramado por aqueles que acreditam em um futuro melhor, não será esquecido”.

Esses são alguns textos e pensamentos nos quais eu acredito:

1. “Digno de admiração é aquele que tendo tropeçado ao dar o primeiro passo, levanta-se e segue em frente” (Carlos Fox);
2. “Aqueles que amamos nunca morrem; apenas partem antes de nós” (A. Nervo);
3. “Nunca ande pelo caminho traçado, pois ele conduz somente até onde os outros já foram” (Graham Bell);
4. “Sempre há um pouco de loucura no amor, porém sempre há um pouco de razão na loucura” (F. Nietzsche);
5. “O amor é a força mais abstrata, e também a mais potente que há no mundo” (Mahatma Gandhi);
6. “Os poderosos podem matar umas duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a primavera inteira” (Che Guevara);
7. “Se você treme de indignação perante uma injustiça no mundo, então somos companheiros” (Che Guevara);
8. “O alicerce fundamental da nossa obra é a juventude” (Che Guevara);
9. “Correndo o risco de parecer ridículo, deixem-me dizer-lhes que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor” (Che Guevara);
10. “Hasta la victoria siempre” (Che Guevara).

△ Sul do Brasil

Quênia Lopes



Quênia Lopes de Moraes,

23 anos, nasceu em Porto Alegre-RS e foi criada no bairro Rio Branco, conhecido como antiga Colônia Africana. Atualmente reside na cidade do Rio de Janeiro e cursa Pedagogia, na Universidade Estácio de Sá.

Desde o início de 2002 desenvolve uma série de trabalhos artísticos com o grupo de *rap* Anastácias, onde atua como *DJ*. No final de 2002 montou com suas amigas deste grupo uma cooperativa de artesãs e trançadeiras chamada Ubuzima. Desde então, elas vêm realizando discussões, desfiles e debates voltados para a questão da auto-estima negra.

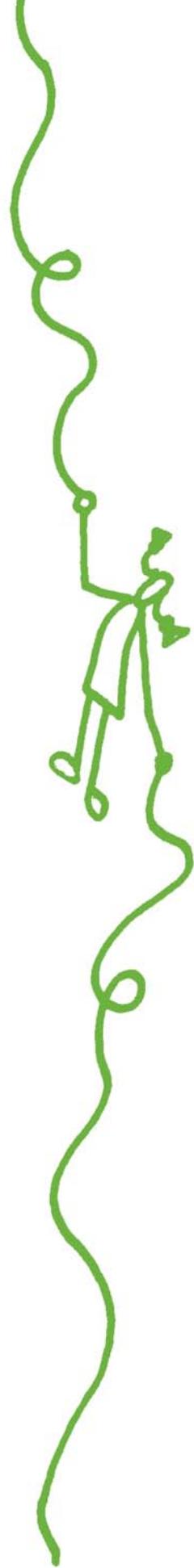
Quênia acredita que militar é envolver-se com as questões sociais mais latentes. É dar força e acima de tudo ajudar a desenvolver e criar novas propostas que visem a melhoria de um grupo social excluído. Enfim, uma constante busca pela inclusão de todos.



Nasci no Rio Grande do Sul, estado frio, de pessoas (na sua grande maioria) também frias, porém em uma família quente e acolhedora, de sangue forte e guerreiro. Filha de mãe e de pai militantes do Movimento Negro, cresci cercada de quadros, de livros e de brinquedos étnicos, o que não me impediu de passar por todos os conflitos de identidade que normalmente uma criança negra passa, tais como: “por que meu cabelo é crespo?” Ou mesmo, “por que não ficar como o das outras meninas?” Na busca de “tentar” deixá-lo semelhante ao das meninas brancas, muitas vezes me peguei colocando uma toalha ou um pano qualquer na cabeça, na ilusão de que um dia minhas crespas madeixas seriam lisas e esvoaçantes. Hoje, em conversa com amigas negras, observo que eu não era a única fazer isso.

Minha mãe por sua vez, sempre deu todo o suporte que pôde, buscando nos fazer ver o quanto éramos bonitas com nossos cabelos e com o nosso tom de pele. Ela sempre comprava bonecas pretas, trazia livros que trabalhassem a temática afro, mas, infelizmente ou felizmente, a maior parte da nossa vida passamos na escola. Lá será o local onde criaremos nossa identidade, pois a escola tem como dever nos tornar cidadãos cada vez mais críticos. Porém, se os métodos pedagógicos utilizados não forem os mais adequados, de maneira a buscar contemplar todas as diferenças, a escola pode acabar com a vida de uma criança, pois os traumas psicológicos que podem ser gerados ficam para sempre.

Ao escrever sobre a questão da escola, me recordo de um fato vivenciado durante a minha época de universitária na cidade de Tapes, interior do Rio Grande do Sul: certo dia, meu professor de história propôs um trabalho de discussão sobre a influência que o negro teve ou não na formação do Rio Grande do Sul. Infelizmente, o que era para ser um trabalho de estudo acabou se transformando em uma exposição de idéias preconceituosas de alunos e alunas que não estavam nem um pouco interessados em dados históricos. Foi uma aula constrangedora. Após a divulgação na *internet* de um manifesto que escrevi sobre isso, houve uma série de manifestações de



repúdio, com apoio de organizações do Movimento Negro a essa causa, que não é só minha, mas sim de toda uma nação.

Hoje vejo que se não tivesse o apoio da minha família, e em especial de meus pais, com certeza teria desistido de tudo, pois a pressão psicológica que eu e uma outra colega tivemos que enfrentar naquela universidade não foi fácil.

Os dados históricos mostram que a população negra no Rio Grande do Sul é de aproximadamente 15% no Estado e 20% na cidade de Porto Alegre. Portanto, a maioria da população é de não-negros. Mesmo nas escolas públicas, raramente somos a maioria e não é raro sermos a única pessoa negra em sala de aula. Este pode ser um dos motivos da evasão escolar.

Na fase de pré-escola, se bem me recordo, éramos apenas duas alunas negras em sala de aula – o que não mudou muito hoje em dia. Todas as professoras eram brancas. Na televisão, somente apresentadoras brancas. Minha referência de beleza qual seria??? É complicado só ter um referencial de beleza em uma fase na qual você está criando sua identidade. Você está criando amigos, criando seu grupinho onde “somos todos iguais”, temos “brinquedos iguais”, bonecas brancas iguais. Sim, mas iguais às minhas amigas brancas. E essa diferença eu só fui perceber quando minha mãe surgiu com uma boneca preta. Pode-se dizer que naquele momento fiquei um tanto chocada: “Como assim???” “Quem disse para ela que eu queria ser diferente?” “E quem disse para ela que eu queria uma boneca PRETA???” Cabelo crespo então, nem pensar. Aquela boneca, chamada Luana, era o fim para mim. Como eu seria diferente das minhas colegas que tinham Xuxa? Ninguém sabia quem era Luana! Eu não sabia e nem me interessava saber. Essa compreensão do que é ser igual e do que é ser diferente eu só fui ter com o passar do tempo.

Eis que surge a adolescência, 15 anos, época de começar a frequentar as festinhas. Já estava começando a me aceitar um pouco mais. Porém, ir a festas com minhas colegas era muito chato: os meninos nunca olhavam para mim. Eram sempre elas, as meninas brancas, as mais lindas.

Certo dia, encontrei com umas amigas negras, também filhas de militantes negros, que estavam passando pelo mesmo conflito de identidade que eu. Fomos juntas a um evento do Movimento Negro na “Rua do Perdão”, onde algumas personalidades negras seriam homenageadas com a Comenda Anastácia. Entre elas, minha mãe. Após receber a homenagem, minha mãe fez um discurso emocionado falando da luta das mulheres

negras que, assim como a Anastácia, não têm mordança capaz de calar sua vontade.

Após os discursos rolaram alguns shows e um deles era de um grupo de *rap*. Eu e minhas amigas resolvemos trocar uma idéia com os meninos deste grupo, e eles nos convidaram para participar das rodas de *break*, na Rua da Praia, Centro de Porto Alegre. Foi quando o *hip hop* entrou em minha vida e fez uma mudança radical. Passei a usar meu cabelo *black power*, a buscar mais informações sobre a minha cultura, a conversar mais com meu pai, que é jornalista e já escreveu vários livros sobre a questão negra, além de trabalhar com vídeo no resgate da nossa história. Passei também a conversar mais com a minha mãe. Os dois tinham muito a me ensinar. Fui percebendo que eu já tinha tudo em casa e que era só uma questão



Grupo Anastácias

de identificação o que, com certeza, fez toda a diferença na minha vida.

Quando passei a freqüentar as rodas de *break*, eu via pessoas negras felizes, via pessoas negras conscientes. Era um movimento de autoafirmação, e eu estava muito feliz de poder fazer parte desse movimento de libertação que estava, principalmente, libertando a minha mente. Esse choque de consciência mudou minha vida. Em menos de quatro meses eu e as gurias já estávamos com um grupo de *rap* formado somente por mulheres negras, que recebeu o nome de Anastácias por uma questão de identificação com a história de vida dessa guerreira negra. Com o grupo, ganhamos prêmios nacionais na área de música, sendo o nosso trabalho reconhecido por diversos órgãos da imprensa do país.

Foi nessa época que comecei a participar mais ativamente de movimentos sociais. Em 2002 nós, as Anastácias, resolvemos montar uma espécie de cooperativa de artesãs, chamada Ubuzima (“união do corpo com a alma” no idioma Yorubá). O grupo Anastácias se mantinha realizando shows e participando de eventos relacionados à cultura *hip hop*. Pode-se dizer que durante um bom tempo as Anastácias foram o único grupo de *rap* feminino no Rio Grande do Sul. Talvez por esse motivo tenhamos sido consideradas uma referência no *rap* porto-alegrense.

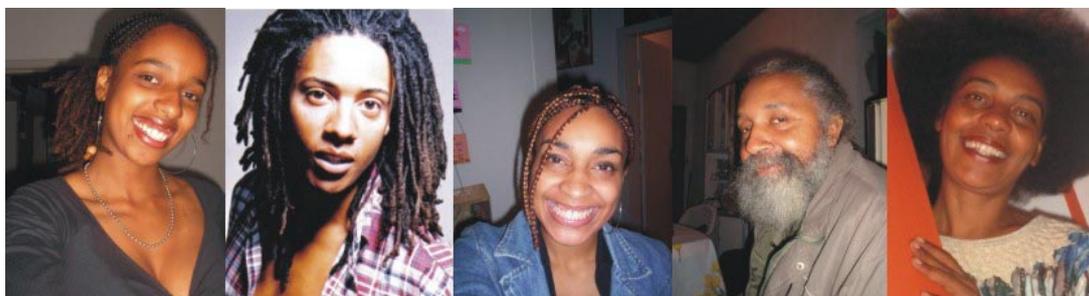
Enquanto isso, a Ubuzima se voltava mais para a questão da auto-estima negra. Inicialmente surgiu como grife ideológica e, em seguida, tornou-se “quase” uma ONG. Passamos a realizar eventos nos quais ocorriam desfiles, debates, discussões e etc. Temas como geração de renda para a galera do *hip hop* eram recorrentes em nossos eventos. Sempre buscamos trabalhar em conjunto com outras pessoas do próprio movimento que já vinham realizando algo nesse sentido.

Participar é um momento no qual você se propõe a trabalhar em prol de algo que realmente lhe parece ser verdadeiro. Participar envolve ter um comprometimento com o que se acredita e com o que está sendo proposto.

Desde o momento em que resolvi participar de um grupo, tanto de *rap* como na cooperativa, é que pude perceber o quanto é fundamental eu estar em uma constante busca pelo saber. Percebi o quanto é importante poder passar para as pessoas jovens, como eu, os danos que o racismo traz para a vida de uma criança que cresce com o seu psicológico abalado, pois não se vê na televisão e na escola é discriminada. Não há como não ser minimamente atingido pelo racismo numa sociedade racista como a nossa.

Participar de uma nova construção social é dever de todos que resolvem se envolver com as questões sociais mais latentes. É dar força a propostas existentes e, principalmente, ajudar a criar novas propostas. Mas o importante é que estejamos, sempre, em uma constante busca pelo saber. Enfim, devemos lutar pela inclusão social de uma comunidade que, além de fazer parte desse país, foi importantíssima na sua construção.

Creio que, sem o reconhecimento do que representa o negro na sociedade brasileira, nós nunca seremos uma nação inteira.



Família

*I*dentidade

*Trazidos de longe, à força, na chicotada
Por fumo, por cana
Tivemos vidas trocadas, vendidas
Sem chance e sem saída a origem desse caos das favelas, dos guetos
Da vida bandida
Quem sabe até quando consegue agüentar
A hipocrisia da falsa democracia
A união dos povos da raça brasileira
Que um povo beneficia
E escraviza o outro, a vida inteira
Que nos nega o tempo todo
Tem medo da cara preta
Fala da bunda, do corpo
Temos espaço na mídia uma vez por ano
Pra ver a bunda da “mulata”, sorridente rebolando
O homem negro mete medo e ao mesmo tempo é objeto
Gostosão, bem dotado, sempre pronto para o sexo
A carne mais barata do mercado é a carne negra
Espedaçada, humilhada, entregue de bandeja
Assim como nossa arte, como nossa cultura
Deturpada, levada na cara dura
A história foi mal contada, omitida, ninguém fala nada
Esconde-se a dor, não mostra a cor
Parece até piada de mau gosto, desgosto quando escutada
Desde criança negritude é sinônimo de macacada
Essa é a tática pra subjugar
Mas temos nossas armas e forças pra lutar
Pra defender nossa afro-descendência, nosso jeito de ser
Igualdade de condições é o que a gente quer
Homem negro, negra mulher
Direção para nosso futuro que diz ser preto e escuro
Vai ser, sim, TEMOS MUITO ORGULHO!!!*

(Letra de Denise - Grupo Anastácias)

Sem vocação
para ser
marionete

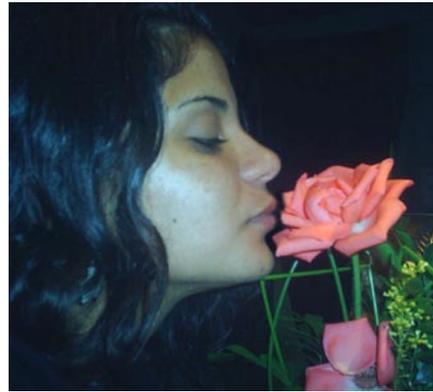
Manuelle Rosa



Manuelle Fonseca Rosa,

21 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e foi criada no bairro do Alto da Boa Vista, onde reside até hoje.

Cursa a faculdade de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.



Desde o início de 2004 presta serviço voluntário como coordenadora do Pré-Vestibular Comunitário Vila Cachoeira, situado no Alto da Boa Vista.

No final de 2004 participou do processo de implantação no seu bairro do Jornal Comunitário FalandoALTO, através da OSCIP ALTOSustentável, permanecendo no projeto até outubro de 2006, onde atuou como coordenadora, repórter, fotógrafa, revisora e editora.

Acredita que a militância é uma vocação para todos, pois é motivada pelo desejo que todo ser humano tem de se sentir livre para atuar diretamente no meio em que vive, transformando-o. Porém, sabe que nem todos seguirão este caminho, pois além do desejo, é necessário envolvimento, luta e coragem para enfrentar as dificuldades que vêm junto com os prazeres da participação.

“Isso de querer ser exatamente aquilo que a gente é ainda vai nos levar além”

Paulo Leminski

Que negócio é esse de Participação?

Cresci no Alto da Boa Vista, um bairro singular. Em meio à metrópole do Rio de Janeiro, o Alto, que se encontra dentro da maior floresta urbana do mundo, é como uma cidadezinha do interior. Aqui todos se conhecem, sabem os nomes uns dos outros. Aqui brincadeiras de criança ainda não foram completamente substituídas por computadores.

Entre os famosos piques, brincadeiras de rua e banhos de cachoeira, cresci amando a floresta e repetindo a velha crença de que “no Alto nada vai pra frente”. Acostumei-me com a idéia de viver num local sem farmácia, hospital, correios ou banco. Habituei-me a conviver num bairro que possuía um posto de saúde precário, um mini-mercado e uma banca de jornal que mal funcionava. Porém, algo aconteceu. Hoje em dia essa velha crença já não me pertence mais.

Incentivada pelos amigos, por volta dos meus quinze anos comecei a participar de um grupo de adolescentes da paróquia próxima à minha casa. Foi uma época muito boa. Era divertido me reunir com a turma toda semana, fazer passeios, festas... mas conforme eu fui me envolvendo, a coisa foi se tornando mais séria. Depois de um ano eu já estava na coordenação do grupo, organizando as reuniões semanais e os eventos. Mesmo sem ter certeza da minha capacidade para assumir esse papel, simplesmente não conseguia abandonar o cargo, pois a sensação de me sentir útil para os outros me confortava. No entanto, com o tempo fui me desiludindo com a doutrina católica e comecei a perceber que poderia ser útil dentro ou fora da igreja.

Em 2003, aos 17 anos, cursava a terceira série do Ensino Médio e precisava me preparar para o vestibular. Através de amigos descobri um pré-vestibular comunitário que ficava pertinho da minha casa e que eu nunca tinha notado. Lá me deparei com uma forma de trabalho que até então só conhecia na igreja: pessoas de diferentes bairros, alguns até bem distantes do Alto, davam aulas no curso voluntariamente. Aos sábados nós, os alunos, deveríamos fazer faxina na sala. Além disso, participávamos de eventos para arrecadar fundos para o projeto. Tudo sem receber nada, ou melhor, recebíamos tanto que naquele momento era difícil enxergar o tamanho do tesouro.

Confesso que ao contrário de alguns colegas de classe, para mim não era nenhum martírio trabalhar no pré “de graça” lavando chão ou vendendo rifa, pois já possuía certa experiência nisso desde a época da igreja. Quem trabalhou em evento de paróquia, com recursos e pessoal escassos, sabe do que estou falando. A gente acaba fazendo de tudo, desde limpar o banheiro até fechar o caixa.

No final de 2003 passei para Comunicação Social na PUC-Rio. Foi por meio do cursinho que consegui uma bolsa integral, pois na época a PUC tinha parceria com pré-vestibulares comunitários. E foi também no final deste ano que resolvi assumir junto com meus colegas de turma a coordenação do pré, pois nos sentíamos abandonados pela direção da época.

Começamos quase do zero e em apenas um mês conseguimos professores voluntários para todas as disciplinas, o que parecia ser impossível inicialmente. Foi então que descobri que sempre existe gente disposta a ajudar, pronta para participar.

Grande parte dos meus colegas da turma de 2003 não havia passado para a faculdade junto comigo e prestou mais uma vez o vestibular no ano seguinte. Dessa vez praticamente todos passaram, e ao saber que tive o mínimo de participação nisso, meu coração se encheu de tanta alegria que até hoje transborda.

Uma oportunidade única, uma ação pioneira!

Logo que ingressei na faculdade queria fazer um estágio para preencher o tempo que sobrava entre as aulas e a participação no pré – hoje chamado Pré-Vestibular Comunitário Vila Cachoeira – pois nunca consegui ficar parada por muito tempo, sempre tive essa necessidade de estar fazendo algo “útil”. No entanto, não aparecia nada, até que nas férias de julho a oportunidade bateu à minha porta, ou melhor, ligou para a minha casa: fui convidada para integrar uma equipe na OSCIP ALTOSustentável que iria elaborar o primeiro jornal comunitário do bairro.

Confesso que inicialmente tive receio de que não fosse dar certo, de que o jornal durasse pouco tempo ou que não tivéssemos tanta coisa para escrever, pois a minha sensação era de que não acontecia nada de relevante no Alto. Todos esses pensamentos eram devidos à premissa negativa sobre o bairro que aprendi desde cedo. Porém, ao ter contato

com a equipe do jornal, a empolgação me dominou, a vontade de fazer uma coisa nova, de acrescentar algo para o meu bairro me contagiou.

A primeira edição saiu em dezembro de 2004 com o nome FalandoALTO, sugerido pelos moradores. Desde então o jornal passou a ocupar grande parte da minha vida. Eram noites de sono substituídas por trabalho, finais de semana repletos de entrevistas e textos.

Comecei como repórter e redatora, e algumas vezes fotógrafa. Em novembro de 2005, quando a antiga coordenadora deixou o projeto, assumi a coordenação do jornal, além de continuar realizando as outras tarefas. O trabalho dobrou, e a recompensa também. Sou feliz por ter escolhido ficar na equipe e hoje, aos 21 anos, já ter aprendido tanto sobre minha profissão e sobre as pessoas.

Lições que não se aprendem na sala de aula

O Jornalismo é uma profissão que oferece o privilégio de se conhecer diferentes lugares, diversas pessoas. Cada dia é único. E o trabalho no Alto da Boa Vista me ajudou a enxergar o bairro com outros olhos. O Alto é formado por mais de dez comunidades e eu não conhecia muitas delas antes de trabalhar no jornal comunitário. Além disso, nunca havia pensado sobre muitos dos assuntos que foram abordados no jornal por sugestão dos moradores.

Com esse trabalho, além de conhecer na prática a profissão de jornalista, percebi alguns aspectos do ser humano. O primeiro e mais evidente é que todo mundo tem necessidade de falar, de se comunicar. Mesmo aqueles mais tímidos quando sentem segurança numa entrevista, falam até que não haja mais fita para gravar. Os moradores têm necessidade de falar o que lhes aflige, o que está errado no bairro e ninguém comenta, ou até aquilo que é positivo, mas que poucas pessoas percebem. O jornal comunitário acabou se tornando um alto-falante para tudo isso.



No topo da Pedra Bonita. Ao fundo, a Pedra da Gávea: belezas naturais do bairro que eu amo.

Outra lição que aprendi é que exemplos positivos geram ações positivas. Assim como no pré-vestibular foi preciso que um grupo se mobilizasse para modificar a situação e agregar novas pessoas para o projeto, percebo que o jornal, ou melhor, a participação comunitária como um todo estimula cada vez mais a ação.

Existem pessoas que são pioneiras, iniciam um sonho que parecia distante e quando este sonho se torna palpável, acaba estimulando outras pessoas a participarem. É claro que existem aquelas que não acreditam na ação positiva e preferem continuar murmurando sobre a vida a enxergar o que tem de bom na sua frente. Porém, no geral, o amor, e conseqüentemente a união, vencem barreiras aparentemente intransponíveis.

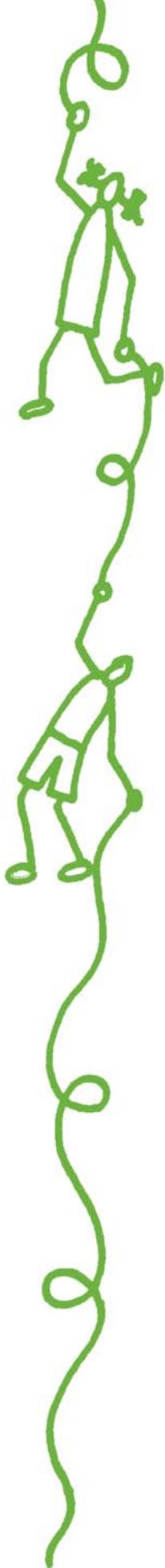
Eas dificuldades?

Nem tudo são flores no trabalho comunitário. Muitas vezes nos deparamos com algumas dificuldades e é preciso reconhecê-las, encará-las.

Em outubro de 2006, perto de o jornal completar dois anos de existência, tivemos que interromper as atividades por causa de um problema que certamente atinge muitos projetos sociais: a falta de dinheiro. Além disso, notamos que era necessário fazer uma avaliação sobre o que não deu certo no projeto a fim de reestruturarmos alguns pontos, como a busca de mais parcerias na área comercial, por exemplo, com o intuito de tornar o jornal auto-sustentável, feito que não conseguimos atingir nesses dois anos.

Tornou-se então necessário que a OSCIP fizesse uma pausa ou reduzisse boa parte dos seus trabalhos para correr atrás de verba e também se reestruturar. Neste momento decidi sair. Depois de mais de dois anos na instituição, senti e ainda sinto que preciso sair da comunidade para ver outros mundos, para assim, quando voltar, ter mais bagagem para contribuir com o meu bairro. Além disso, quero me aproximar mais da área audiovisual, que é a parte que mais me interessa na Comunicação.

Mas não pense que foi tão fácil assim sair do projeto ao qual me dediquei por dois anos. Ao mesmo tempo em que queria trabalhar em outra área que não fosse a imprensa (até para adquirir maior experiência profissional, pois daqui a um ano estarei me formando e entrando no feroz mercado de trabalho), não conseguia me desvincular do projeto por saber da sua importância para a comunidade e para mim mesma. Eu tinha medo de que ao sair estivesse traindo os meus princípios



e decepcionando todos aqueles que apostaram no meu trabalho.

Desde que comecei a trabalhar no jornal, me tornei uma referência para a comunidade, assim como os outros integrantes da equipe. Somos os “jornalistas do Alto”. Na época em que trabalhava lá, e ainda hoje, alguns moradores me procuram para colocar reivindicações no jornal, outros elogiam e agradecem pelo trabalho. Há ainda aqueles que inicialmente não acreditavam que o jornal “fosse pra frente”, e hoje aguardam ansiosamente a próxima edição. Quando sou questionada a respeito do próximo número, fico triste e constrangida ao ter que dizer que o jornal não está a todo vapor como antes. Mas tenho certeza de que o projeto está em boas mãos e certamente ressurgirá ainda melhor.

Este momento de mudança me fez pensar sobre as dificuldades que surgem durante a participação. Quem participa de algum projeto social acaba se apaixonando pelo trabalho e dói ter que escolher, em determinados momentos, entre o seu crescimento pessoal e o trabalho exercido. É difícil também ter de se deparar com a dura realidade de que sem dinheiro é praticamente impossível sobreviver neste mundo.

É claro que a participação contribui e muito para a formação de uma pessoa, mas quando se faz um trabalho comunitário, é preciso estar atento às suas próprias necessidades, ao invés de estar voltado somente para as necessidades dos outros. É preciso ser um pouco egoísta às vezes, pra poder avaliar se aquele trabalho que está ajudando os outros, também está sendo o ideal para você naquele momento da sua vida.

Outra coisa muito importante: quem participa geralmente tem a idéia de que vai mudar o mundo, mas é necessário avaliar as reais condições e ter noção de que seu trabalho não vai mudar tudo de uma hora para outra. Apesar de ser importante ter a certeza de que a sua atitude tem valor e pode ajudar a transformar algumas vidas, é bom estar atento para nunca se colocar como um deus, tendo plena consciência de que existem fatores externos que irão interferir no seu trabalho.

Mesmo assim eu escolho...

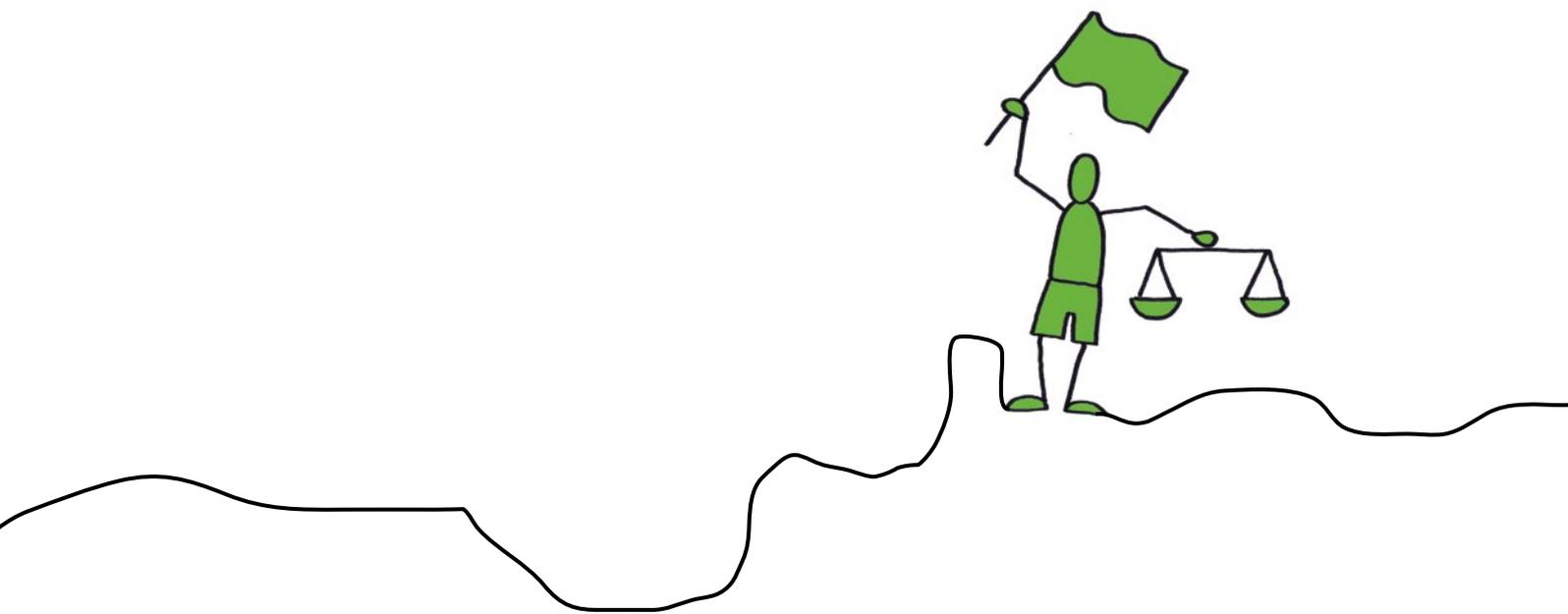
Depois de ter participado de um projeto como o jornal FalandoALTO, depois de ter testemunhado algumas vidas serem transformadas no pré-vestibular comunitário, não vejo minha vida desvinculada da Participação. É fato que o bairro onde moro ainda possui muitas necessidades, mas a diferença é que hoje em dia eu acredito na mudança. Observando a natureza, as estações do ano, a evolução das espécies, a História, seria um equívoco presumir que as coisas não possam mudar, que o local onde fui criada deva permanecer intacto, sem alterações ou melhorias. Pensar assim seria subjugar minha capacidade de escolha e de transformação da realidade.

Prefiro viver num mundo azul de sonhos do que continuar repetindo a velha crença desanimadora que tenho escutado desde cedo, condenando o futuro do meu bairro e repassando essa trágica herança para as gerações futuras. Escolho mudar o rumo da história. Escolho me aperfeiçoar na minha profissão e utilizá-la para melhorar o meu ambiente. Escolho me unir a quem deseja realizar algo novo a condenar como inválido o futuro do Alto da Boa Vista, e conseqüentemente o meu futuro. Prefiro viver de sonhos, realizando possíveis ações, do que sentenciar a mim mesma como incapaz de operar mudanças.

Afinal, para mim não faria sentido viver num mundo em que eu fosse apenas uma marionete. Acho que eu e você somos mais que isso.

Atitude para fazer a diferença

Leandro Paican



Leandro Marques Ferreira,

ou Leandro Paiacan, como é conhecido por muitos, tem 24 anos e nasceu no Morro do Dendê, na Ilha do Governador, onde morou com sua mãe e irmãos até os 19 anos. Cresceu vendo de perto alguns problemas sociais que todos conhecem, como violência, pobreza, desigualdades e principalmente o preconceito. Entrou para o time dos jovens voluntários em 2002 quando começou a frequentar o Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, participando do Projeto de Prevenção DST/AIDS entre a Diversidade Sexual, durante três anos.



Desde então, dentre outros projetos, já participou da coordenação da Parada do Orgulho GLBT (*Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros); do projeto Atitude Hora H desenvolvido pela John Snow Brasil; e da elaboração do curta metragem realizado pelo Instituto Promundo “Medo de Quê?”. Sua mais recente participação deu-se nas pesquisas empreendidas pela ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS), sobre os avanços e os retrocessos da AIDS no Rio de Janeiro.

Atualmente mora em Laranjeiras com seus amigos, os quais considera uma família alternativa. Cursa o primeiro período de Administração de Empresas e lamenta por não poder estar tão próximo do Terceiro Setor e de todo o serviço voluntário como gostaria. Pretende continuar na luta pela redução do machismo e pela igualdade sexual, prestando ajuda e principalmente, buscando se informar. Na sua opinião a informação é o único meio de se quebrar as barreiras e de se chegar a uma sociedade mais justa, não só na questão sexual, mas racial, cultural e social de um modo em geral.

Antiga rotina

Antes, eu era alguém praticamente invisível. Nasci e cresci no morro do Dendê, na Ilha do Governador. Saía e voltava para casa de cabeça baixa, com medo das pessoas, numa timidez quase doentia. Já tinha tido minhas pequenas experiências sexuais, as famosas “meinhas”, com primos e vizinhos, mas sempre com medo. Eu era o “veadinho” da turma, da rua. O filho “veadinho” da dona Maria. Não por ser afeminado, mas por ser tímido, por não ter amigos, por não conversar, não sair... não aprendia essas coisas, ninguém nunca as soube ensinar.

Os Olhos

*Às vezes, eu apenas vejo
Na maioria das vezes... só vejo
Algumas vezes admiro
Mas quando eu sonho, não vejo
E quando eu volto, e vejo, choro
E quando eu choro, eu só vejo
Sem esperanças, apegos, só vejo
A goteira, o lugar, as pessoas...
Só vejo
E choro
Porque meu sonho, eu nunca vejo*

*Se eu só sonhar, nunca verei
Mas se eu chorar, talvez eu veja
O que eu realmente quero
Pra minha vida inteira
Minha mãe eu vejo
Meu irmão eu vejo
Minha irmã eu vejo
Sua vida, eu vejo
Só tenho medo de ver alguém...
Esse, eu não vejo
Fecho os olhos.*

Leandro Marques, 12 de janeiro, sem esperanças para 2002.

O Início na vida *gay* e militância

Sozinho, mas não da pior maneira, entrei no mundo *gay* meio torto... por um momento, somente por um momento, achei que seria perfeito. Quando vi aqueles garotos com quem eu “brincava” de sexo no começo da adolescência namorando mulheres, tendo filhos, casando e me deixando de lado, comecei a perceber que não encarávamos essa brincadeira da mesma maneira. Eu queria mais, queria continuar, até conhecer o Luiz, de uns 32 anos, alto, moreno e não muito bonito. Quando eu o conheci, para mim era o homem mais maravilhoso do mundo, com

quem eu queria viver para o resto da minha vida. Eu me lembro de cada detalhe daquela noite. Principalmente, cada palavra. Foi nessa noite que descobri alguém que fazia parte de um mundo no qual eu poderia viver. Ele me dizia coisas sobre seus longos namoros, festas, amigos... amigos *gays*? Festas *gays*? Namoro? Saí dali deslumbrado por ele e por seu mundo, completamente apaixonado pelo meu mais novo super herói.

Durou um ano, não minha paixão por ele, mas sim minha busca. Aquela noite foi a primeira e última vez que vi o Luiz. Ele queria somente uma noite de sexo com um moleque, e conseguiu. Depois de muito tentar entender fui a uma psicóloga que infelizmente não me ajudou muito, pois as coisas não seriam tão racionais quanto eu gostaria que fossem. Seguir conselhos ou devorar livros de auto-ajuda não estava adiantando. Nesse momento, minha mãe já tinha percebido minhas choradeiras constantes, mas ela raramente se aproximava. Por medo, eu acho. Finalmente depois desse tempo parei de tentar entender tudo isso. Foi a melhor coisa que eu poderia ter feito. Nesse momento, me abri para conhecer (sozinho) esse mundo que sempre sonhei. Mais uma vez fiquei deslumbrado, e minha porta de entrada foi a *internet*.

*Eu sou um idiota
Eu sou um babaca
Eu sou um sonhador
Eu acho que vai dar certo
O que é impossível de ser pensado
Distância...
Maturidade...
Independência...
Ocupação...
E eu. Eu?! No pé?!
Tome vergonha Leandro
Tendo ouro ao seu lado
Você vai procurar prata em outro lugar?
Dê tempo ao tempo
As coisas vão se reverter
Terei todos os tesouros!!*

Leandro, 08/03/2002, pronto para crescer!

Entre novas amizades, novas boates e sexo casual, eu vivi meio perdido a princípio, mas sempre muito pensativo. O mundo *gay* adora uma carne fresca, um menininho ingênuo, e eu fazia o maior sucesso com isso! Durante um período eu continuei deslumbrado, mas depois a grande pergunta começou a surgir... “é só isso?” Eu via meus amigos héteros namorando, meus vizinhos casando e meu irmão tendo um filho. E eu iria viver para o resto da vida num mundo obscuro? Eu adorava isso, mas era praticamente a mesma coisa que eu já fazia com meus vizinhos, só que agora com outras pessoas. Foi nesse momento que comecei a prestar atenção em detalhes que eu não enxergava antes. Foi numa boate na Tijuca que conheci João Henrique, ou simplesmente Joãozinho, militante do grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual, sempre distribuindo camisinhas ali.

O Grupo Arco-Íris

Eu “enchia o saco” do Joãozinho. Ele representava algo diferente. Grupo *Gay*? Isso poderia ser uma novidade para eu não entrar na rotina que já me esperava. Daí foi um pulo. Logo na minha primeira Parada *Gay*, no final da Copa de 2002, fui convidado pessoalmente pelo então presidente, Cláudio Nascimento, para participar do Grupo. Comecei a frequentar a casa e ver algo diferente, algo novo. Pessoas conversando sobre respeito e liberdade... mas não só isso. Conversando sobre qualquer outro assunto sem importância! Mas sendo quem eles eram, *gays* e lésbicas, expressando ali toda sexualidade que em qualquer outro lugar eu tinha que esconder. Achei fantástico e convidava todo mundo para participar também. Como as pessoas normalmente não apareciam, logo percebi que

o assunto “militância” não agradava a todos, principalmente aos jovens. Eu até entendo isso, nessa fase de descobertas com os hormônios à flor da pele... O fato é que nunca me incomodou ser uma exceção. Para falar a verdade eu acho que não devemos ser politicamente corretos o tempo todo, mas acho também que nós esta-



Foto para a Folha de São Paulo - 2006

mos muito afastados disso tudo. Vejo que os jovens não estão por dentro do básico sobre seus direitos e deveres, e isso não é bom.

Para a juventude *gay*, a informação é ainda mais importante. Como vamos nos defender de todo o preconceito e discriminação que vivemos ao mostrar quem somos? Como vamos quebrar o próprio preconceito internalizado em nós mesmos? Este preconceito que nos inferioriza é o que nos leva a achar que, apesar de inteligentes e determinados, somos menores que um heterossexual. Quando surgiu a oportunidade de entrar para o projeto de prevenção de DST/AIDS, o mesmo que o Joãozinho já participava, confesso que em nenhum momento aceitei por já me sentir um militante, essas coisas... eu encarava o projeto como uma terapia para perder a timidez e ganhar um dinheirinho extra. Algum tempo depois, vi que realmente levava jeito para isso. Desde então já participei de seminários, de encontros, de palestras, de movimentos... todos voltados para a aceitação da sexualidade e contra a discriminação, o que me ensinou a impor respeito e a respeitar. As pessoas já me vêem como “o Leandro do Arco-íris”, ou simplesmente o “garoto da camisinha”.

Tem seu lado que não é tão bom, pois muitas vezes as pessoas me encaram como um E.T: “um jovem distribuindo camisinha na porta da boate?” “Conversando sobre a política homossexual e chamando a gente para esse tal Arco-Íris?” Já me julgaram doente, “encalhado”, portador de HIV, “CDF” metido. Isso me incomodou muito no começo. Fiquei um tempo querendo namoro sério e não conseguia, e acabei achando que era por isso... alguns dizem que não, mas nunca me convenci totalmente. A maioria dos jovens vê o Arco-Íris como um lugar de gente velha usando óculos “fundo de garrafa” e discutindo coisas como a paz mundial ou a destruição da camada de ozônio. Um grupo que só serve para organizar a Parada *Gay*.

Minha mãe, minha família e outros projetos

Nunca me dei bem com minha família, minhas tias, meus primos... sempre fui considerado o “veadinho” da rua e eles assinavam embaixo. Essas coisas sempre me afastaram de reuniões de família e outros assuntos. Eu sentia falta do que eu via na casa dos meus vizinhos, daquela união, organização e interesse um pela vida do outro. Claro que hoje sei que as coisas não são assim tão perfeitas, e que todo mundo tem problemas, mas antes eu não enxergava isso.

Numa dessas militâncias, minha vida mudou muito. Eu sempre tive vontade de sair de casa, sempre fiz vários planos para mudar minha vida de forma organizada, como quase todo *gay*, eu acho. Nesse período, minha mãe já havia tido a certeza de que eu era *gay* ao mexer nas minhas coisas e descobrir fotos minhas na Parada *Gay*. Já tínhamos passado também por toda aquela fase de choradeiras e das clássicas perguntas: “onde foi que eu errei?!” “O que fiz para merecer isso?!” Para falar a verdade, ela já estava aceitando numa boa, ainda que apenas dentro de casa. Mas era só alguém de fora (primos, vizinhos) comentar que a casa ia por água abaixo. Agora ela raramente toca no assunto.

Em dezembro de 2004 um deputado homofóbico e pastor evangélico tentou legalizar seu projeto na ALERJ, que tinha por objetivo fazer com que o Estado investisse nosso dinheiro na “cura” dos homossexuais. O Grupo Arco-Íris junto com outras ONGs organizaram uma manifestação contrária em frente a ALERJ. E lá estava eu, com meu então atual namorado. Toda a imprensa estava presente. E eu e meu namorado, dois jovens comuns no meio de toda aquela gente, como qualquer outro casal na vida... parece lindo? Pois para a imprensa isso era um prato cheio! No dia seguinte nós éramos capa de jornal: “*gays* fazem manifestação na porta da ALERJ”.

A cabeça da minha mãe girou 360°, ela quase pirou. Passamos por uma situação pesada e inédita, com a qual minha mãe não sabia lidar. Ela me falou coisas que me traumatizaram muito, palavras tão fortes que, sinceramente, bloqueei na memória. Durante um período eu não apareci em casa. Logo que me estabilizei emocionalmente voltamos a nos falar, mas até hoje tudo é muito delicado. Se eu pedisse para voltar para casa ela me aceitaria sem sombra de dúvida, mas essa foi a oportunidade que tive para minha grande mudança. Longe da energia familiar e tendo que me virar de verdade, minha vida melhorou muito. O Arco-Íris foi uma grande base para mim, uma base pela qual eu sempre serei grato. Até hoje nunca senti raiva de ninguém, principalmente da minha mãe. Ela é uma ótima pessoa, apenas não aprendeu a lidar com a vida, ninguém nunca a soube ensinar.

Agora eu estava fora de casa, ralando para conseguir um emprego que me desse mais dinheiro. Apeguei-me muito aos meus amigos, ao Arco-Íris. Comecei também a crescer e a me colocar disponível para alguns projetos sociais de outras ONGs como o Promundo, onde trabalhei com *marketing* social pela redução do machismo. Recentemente também participei de pesquisas da ABIA (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids) sobre

os avanços e retrocessos da Aids no Brasil. O Projeto de Prevenção do Arco-Íris já tinha conseguido fazer minha auto-estima subir bastante e minha timidez diminuir.

Mudanças...

Sabe quando tudo está tão perfeito que a gente acaba desconfiando que tem algo errado? Lá estava eu vivendo numa espécie de mundinho particular... minha militância no Arco-Íris ia bem, eu trabalhava para pagar as contas e ia a reuniões na casa de amigos para beber e bater papo. Até que um dia outra bomba estourou na minha cabeça. Um mal entendido com um amigo me mostrou que eu ainda não sabia peneirar minhas amizades, não sabia separar amigos de colegas e simples conhecidos, não sabia dosar o excesso de sinceridade nas minhas palavras e no meu caráter. Sempre deixei bem claro tudo o que fazia e gostava. Nunca neguei minhas “pegações”, meus namoros, minhas idéias e minha vontade de assumir quem eu sou. Isso incomodava muita gente, pois muitos me julgavam o “errado perfeitinho”. Uma coisa é certa: no mundo *gay* muita gente gosta de muita coisa que não admite gostar e têm a auto-estima baixa. Agora não importava mais, já havia aprendido que grandes problemas são na verdade grandes oportunidades... e eu não iria perder essa.

Fui morar com a Eliana e sua turma, em Laranjeiras. Bairro nobre, tudo muito bonito. Eliana é uma espécie de super mãe que eu conheci no Arco-Íris. Estava ótimo, mas não era isso que eu queria ainda. Eu queria me jogar! Eu era o perfeitinho? Agora queria ser o revoltado e “chutar o balde”. Queria, muito consciente, conhecer o outro lado... e conheci. Comecei a frequentar o lugar perfeito: *Space Club*, uma boate que existia na Barra, com bastante música eletrônica, drogas, “pegação” e muita, muita gente vivendo de imagem. Conheci as pessoas certas. Fiz grandes amizades, muita gente legal com quem mantenho contato até hoje.



Outras pessoas só me notaram depois que comecei a namorar um dos donos da boate. Conheci o lado *gay* fútil, o que foi até legal por alguns momentos. Claro, essa farra me obrigou a me afastar (e muito) da militância. “O Leandro que ficava distribuindo camisinha na porta do Cine Ideal agora está curtindo a vida e completamente perdido”, assim diziam todos. Foi uma fofoca geral! A Ilha do Governador não falava em outra coisa, o pessoal do Grupo Arco-Íris ficou decepcionado comigo. Mas eu precisava viver isso e mergulhar nessa piscina cheia de nada. Porém fui consciente e cansei rápido, cansei de ter que rir o tempo todo para todo mundo. Claro que teve muita coisa boa nessa fase, como disse, não me arrependo, mas estar afastado da militância não me fez muito bem.

Percebi a necessidade das pessoas de terem uma identidade única e imutável. Eu prefiro nunca assumir uma postura em relação a isso, do tipo: *gay* liberal, hétero enrustido, ativo, passivo... Qual o problema? Sou um *gay* anormal? Não, sou só alguém que gosta de ser livre, sexual.

Depois de conhecer lugares novos, pessoas novas, de ter vivências novas e de quase me matar várias vezes, resolvi parar. Minha vida já não estava indo bem, meu namoro muito menos. Tudo isso durou uns seis meses. O suficiente para eu aprender tudo o que queria. Como me comportar, como me divertir, como prosseguir minha vida. Agora sim, comecei a desfrutar das pessoas maravilhosas com quem eu vivia e vivo até hoje, a me dedicar mais ao meu trabalho que me sustenta. Retornar à militância demorou um pouco, mas tudo voltou a correr bem.

Perspectiva

Depois da correria do último 31 de julho, quando fizemos a 11ª Parada do Orgulho GLBT, tive que parar para pensar sobre tudo isso. Estou entrando naquela fase onde descobrimos que a militância não é tão simples como gostaríamos e onde as divergências são inevitáveis.

Devido a questões financeiras e administrativas, o Arco-Íris tinha perdido um pouco de sua estabilidade há um tempo atrás, mas nada que não pudesse ser resolvido. Fico muito feliz pela confiança que o Arco-Íris deposita em mim. Em grupos onde o trabalho é árduo, não podemos nos esquecer de ser gentis e de lembrar que cada um está ali trabalhando simplesmente pelo fato de amar tudo aquilo.

Este ano eu tive que correr toda a orla chuvosa de Copacabana o

dia inteiro, sem poder estar com meus amigos e muito menos procurá-los. Ouvi ordens a semana toda com raros “por favor” e “obrigado”. E ainda ao final tive que esperar sentado por uma ligação que me abrisse espaço para falar dos erros cometidos. Parece triste? Não é! Foi recompensador receber elogios de ONGs que viram meu trabalho, receber recados no *Orkut* e *e-mails* me parabenizando. Eu fiz minha parte. O Arco-Íris é minha casa também, a minha família, e foi lá que conquistei a cabeça que tenho hoje, a minha aceitação pessoal. Hoje meus objetivos são bem traçados. Sinceramente não me vejo como presidente do Grupo Arco-Íris um dia, nem de qualquer outro grupo, mas gosto muito de participar, de ajudar, de estar lá, de fazer a diferença.

Este é o segundo ano em que me confiam a coordenação da Parada junto com outros voluntários. Ano passado, eu chorei quando levantei a cabeça depois de uma manhã inteira de estresse, e vi aquela multidão lá embaixo dançando, feliz. Todos ali, todos presentes no 3º maior evento do Rio de Janeiro. Chorei de emoção ao saber que eu ajudei àquilo acontecer. Lembrei de quando eu era o garoto invisível do Ensino Médio, sem amigos, sozinho, com medo de olhar pela janela. Pensei: “Ai meu Deus, eu fiz isso! Passei um mês inteirinho dentro do Arco-Íris, organizando isso e olha o que aconteceu! Todos aqui.” Cláudio Nascimento, vendo minha emoção, me abraçou e disse “legal né, Leandro?” Legal? Aquilo foi mais que legal para mim, foi mágico! Foi tudo que eu precisava para superar a baixa auto-estima, superar tudo! Entrar num lugar e conhecer um monte de gente, me relacionar bem com as pessoas, não ser um frustrado, ser batalhador, estar sempre de bom humor... isso tudo eu devo à minha participação como jovem em todas as manifestações, todos os projetos, todas as noites nas portas das boates....

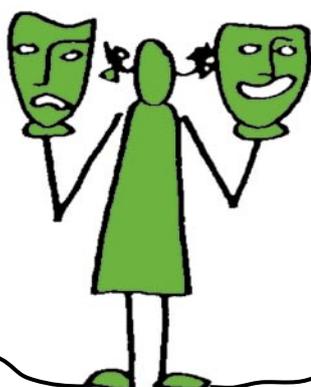
Meus planos? Continuar a andar de mãos dadas com o Terceiro Setor, expandir minha visão e meus conhecimentos. Também tenho planos para a faculdade, para o meu namoro, para algumas viagens... mas sempre levando comigo o movimento pelo qual serei sempre grato, o Movimento Social.



Natal 2005 com os amigos em Laranjeiras-RJ

Militância: a libertação da inércia

Dayane Conceição



Dayane Conceição,

16 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e foi criada no bairro de Bangu, na comunidade de Vila Aliança, onde reside até hoje.

Cursa o segundo ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Bangu.

No final de 2000, entrou para o grupo Caixa de Surpresa, participando de oficinas de cidadania integrando a dança e o teatro.

Aproximadamente em 2002, iniciou o trabalho de cidadania com sua irmã e companheiros de turma no CIEP Olof Palme.

Em 2003 começou seu trabalho voluntário de dança no projeto Semente do Amanhã e em 2004 entrou para o projeto Talento da Vez, que deu início a Cia Aplauso. Ainda em 2004 começou a atuar como coordenadora do Fórum Estadual de Jovens Negras, tendo participações em mesas de debates e em passeatas, junto com o Movimento Negro, Movimento Feminista e o Grupo Arco-Íris.

Em 2005, começou a atuar no projeto JPEG (Jovens pela Equidade de Gênero) como promotora, realizando encontros com jovens das comunidades de Nova e Vila Aliança e participando de oficinas de capacitações.

Todas essas participações continuam presentes na vida de Dayane.

Acredita na militância como uma missão, uma libertação da inércia cotidiana, como uma grande oportunidade que lhe foi dada, capaz de transformar sua vida enquanto pessoa, enquanto jovem e principalmente enquanto cidadã de uma comunidade, de uma sociedade.



Méritos

*Alguém não faz esforço, mas consegue tudo o que quer
Você que luta não consegue
Alguém realiza um sonho
E você acha que só os seus sonhos não se realizam
Alguém diz que você é um fracasso
E você se convence disso e desiste de lutar
Os dias passam...
E você se convence que de nada adianta lutar
Alguém diz que de nada adianta uma espada na mão de um covarde
E você começa a reconstruir suas forças
Alguém diz que os méritos são dados a quem merece
Você pergunta se a sua luta não foi suficiente
Alguém diz que a vitória só vale a pena se for conquistada pela luta
E você começa a acreditar em você
Alguém diz novamente que você é um fracasso
E você continua lutando
Alguém diz que você foi forte e que talvez essa tenha sido a única vez em que você
lutou de verdade
E você chega à conclusão que a vitória não é difícil, é desafiante e que é por isso que é
preciso lutar
Alguém diz que o maior vencedor é aquele que vence por mérito, do contrário se
engana
Depois de tanto lutar você consegue a tão esperada conquista por mérito
Os anos passaram...
E você se tornou um grande vencedor e aprendeu que a perda faz parte da vitória e
que as barreiras vão existir sempre, mas mesmo assim é preciso continuar.*

Dayane Conceição



Meu nome é Dayane, tenho 16 anos e nasci na maternidade de Santa Helena, aos 12 dias do mês de fevereiro de 1990. Só fui registrada no dia 12 de abril de 1996, porque quando nasci meu pai não quis me registrar e minha mãe, na esperança de que ele mudasse de idéia, resolveu esperar. Não adiantou nada. Eu sou orgulhosamente registrada apenas no nome da minha mãe.

Meu pai nunca se fez presente em minha vida e a cada dia eu confirmo mais essa ausência. Talvez seja melhor assim. Talvez ele não tenha nada de bom para me dizer, ou ainda tenha medo do que possa ouvir. A verdade é que nesses dezesseis anos, eu não tenho absolutamente nada de bom ou de ruim para dizer a ele. A única certeza que eu tenho é que ele se fez indiferente na minha vida.

Minha mãe, por sua vez, sempre deu todo o suporte que pôde, trabalhando como doméstica de sol a sol. Foi assim que ela criou seus cinco filhos, com muito sacrifício, porém com toda dignidade.

Minha mãe quase não tinha tempo de ficar em casa, mas eu sabia que precisava ser daquela forma. Ela precisava trabalhar para sustentar a casa e criar os filhos sozinha sem a ajuda de um pai. Era ela para tudo!

Apesar disso eu tive uma boa infância! Eu amava brincar de bonecas, de pique-alto, de pique-esconde, de amarelinha, de queimado, de casinha, enfim, de todas as brincadeiras típicas de uma criança.

Eu sinto saudades da minha infância, da minha primeira bicicleta, do meu velocípede, das minhas bonecas, das brincadeiras. Eu sinto saudade de ser criança!

O tempo passou, mas não conseguiu apagar as lembranças e as saudades da minha infância. Pelo contrário, quanto mais o tempo passa mais eu lembro e quanto maiores as lembranças, maiores são as minhas saudades.

Eu tive uma infância feliz. Feliz apenas por poder ter sido criança, por poder brincar, ter medo do bicho papão. Hoje as crianças têm medo de tiro, medo de morrer ou de perder alguém de quem elas gostem muito. Hoje é complicado falar sobre infância. As crianças perderam a essência de ser criança.

Onde estão as grandes rodas de ciranda? O que fizeram com o pique-alto, pique-cola, pique-gelo? Cadê as lendas? Ninguém mais sabe contá-las? Meus questionamentos são tantos. Eu já não sei se a criança não sabe mais ser criança ou se já não pode mais ser.

É hipocrisia continuar dizendo que elas são a esperança do nosso

país. Ninguém pode dar aquilo que perdeu.

Algumas coisas eu acho que nós perdemos de vez, sem chances de recuperação. Voltar a ver crianças sendo apenas crianças é uma dessas coisas.

Viver na favela não é fácil, mas é lá que eu vivo. Sei que isso me rotula, me impõe limites. Limites esses que eu não quero e não vou respeitar!

Eu tenho que resistir aos preconceitos, ao descaso e a violência se eu quiser alcançar meus objetivos. Mas eu também sei que, na qualidade de militante, eu vou resistir.

Eu tenho a consciência de que eu poderia hoje, na minha vida, ter seguido um caminho totalmente diferente. Eu poderia ser mais um reflexo do meu cotidiano, da realidade em que eu vivo, ou apenas ser mais uma pessoa no mundo. Entretanto eu sei que sou alguém. Alguém que sabe perfeitamente o que quer da vida, que acredita ser possível realizar um sonho quando se luta de verdade.

É tão fácil dizer que nós somos marginais, quando os jornais só publicam as mortes e as tragédias que acontecem na favela. Eles se esquecem de que lá também tem cultura. Há quem diga que lá só tem bandido, mas os bandidos não nascem bandidos, eles se tornam bandidos pelas circunstâncias da vida.

Essa gente não tem apoio, não tem oportunidade, e ainda consegue viver com dignidade!

Eu quero mudar a história dessa gente, dessas pessoas que como eu, como nós, lutam e acreditam naquilo que fazem. A minha resistência me fez poder contar hoje a minha história, mostrar o que se pode fazer quando se tem o mínimo!

Eu sei que muitos amigos já não podem mais fazer nada, estão perdidos na vida ou perderam suas vidas.

Iniciei a minha militância no grupo Caixa de Surpresa, onde comecei a participar por convite de uma amiga. O grupo trabalhava a dança e o teatro como formas de comunicação. Os esquetes eram baseados nos temas discutidos nas au-



Apresentação do Caixa de Surpresa no Seminário "Gênero e Etnia" 2006

las de cidadania, tirados do nosso cotidiano, da nossa realidade.

As aulas de cidadania enriqueceram os meus conhecimentos, me permitiram ter o domínio da palavra e fortaleceram ainda mais os meus objetivos.

Mas eu não parei por aí. O Caixa de Surpresa estabeleceu uma parceria com a ONG CEDOICOM (Centro de Documentação e Informação Coisa de Mulher), e a partir desta parceria, fui chamada para ser coordenadora do Fórum Estadual de Jovens Negras. Éramos ao todo sete jovens. Promovíamos encontros e debates com outras jovens de comunidades diferentes. Produzíamos também um boletim que distribuíamos em nossos encontros.

Através do Caixa também participei do projeto Talentos da Vez. Na primeira etapa deste projeto tínhamos aulas de cidadania, de história da arte e de direitos humanos. Já na segunda etapa tínhamos que escolher uma das seis opções oferecidas: a dança, o teatro, a música, as artes plásticas ou o circo.

Cada um trabalharia especificamente dentro da área escolhida, para que depois todas essas áreas se integrassem em um só espetáculo. Este espetáculo foi o “Pare, só é nosso”, que abordava a vinda dos portugueses para o Brasil, e a descoberta dos índios enquanto donos desta Terra. Logo depois, nós fizemos o nosso segundo espetáculo denominado “Morro de Amores”, que falava sobre a zona portuária do Rio de Janeiro.

Como o projeto era da prefeitura e tinha como objetivo atender vários jovens de diversas comunidades, nós que participamos da primeira edição não poderíamos participar de novo. Era fato que nós já tínhamos nos tornado uma família e que a arte já estava correndo no sangue de cada um de nós. Acreditávamos que aquele não podia ser o nosso fim. Então, a dona Ivonete, responsável pelo projeto, idealizou a “Cia Aplauso”, que contou com ótimos profissionais da área artística sob a supervisão de Cininha de Paula.

Através da Cia eu tirei o meu DRT (registro de atriz) provisório. O primeiro espetáculo da Cia se chamou “5 x Rodrigues e Rodrigues”: cinco peças de Nelson Rodrigues com músicas de Lupicínio Rodrigues. O texto foi adaptado pela assistente de direção e professora de teatro Claudia Ricart.

Eu sou verdadeiramente apaixonada pela arte. Acredito na arte como forma de comunicação, acredito na expressão do meu corpo, da minha face, do meu olhar!

A arte veio para somar todas essas coisas em uma só, é uma paixão que eu tenho e que vou levar para o resto da minha vida.

Moro na favela sim e não acho que isso seja um problema, apesar de saber que as pessoas tendem a me rotular por isso. Há quem ache que as pessoas que lá nascem lá devem morrer. As pessoas fazem questão de traçar o nosso destino!

Eu não quero ser digna de pena, eu só queria que os governantes olhassem para as comunidades e dessem oportunidade para essa gente!

Tudo na vida é desafiante, as coisas não são dadas como presentes, elas são ganhadas por mérito. Eu vou defender o que eu acredito até o fim, porque eu sei que em algum lugar do mundo existe alguém que acredita em mim.

Onde quer que eu chegue, não posso esquecer as minhas raízes, as pessoas que me ajudaram, o lugar de onde vim e as coisas que eu enfrentei para chegar onde cheguei. Eu nunca quero achar que eu sei de tudo, pois eu sempre tenho o que aprender. Quero fazer valer cada instante da minha longa caminhada.

PENSAMENTOS:

Não jogue palavras ao vento,
porque em algum momento elas te farão falta.
Lembre-se: não quero me fazer de vítima para conseguir o que eu quero,
não quero e não sou digna de pena, eu certamente não preciso disso.
Acredito na família, nos amigos...
eles me darão forças quando tudo parecer perdido.
Eu nunca precisei ser igual a ninguém, mas foi preciso acreditar em alguém,
principalmente em Deus. Acredito Nele sempre, em todos os momentos
da minha vida. Eu preciso e tenho muita fé em Deus!

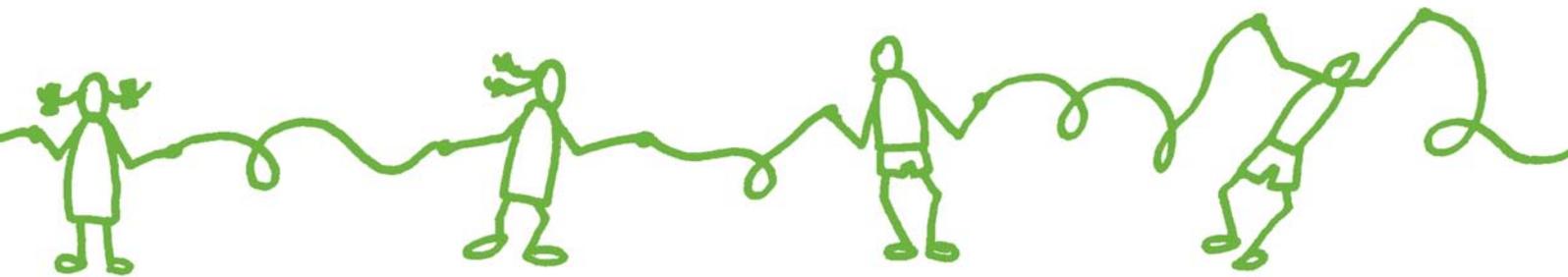
Expectativas pessoais

Quero poder dar uma vida melhor para a minha mãezona, que é quem me apóia em tudo o que eu faço. Minha mãe é tudo para mim, é meu pai, é minha mãe. Enfim, a pessoa que me deu a vida e me ensinou a viver!

Quero fazer minha faculdade, defender meu mestrado e futuramente fazer também meu doutorado dentro da profissão que eu escolher.

Eu nunca pensei que a militância fosse repercutir tanto em minha vida e graças a Deus de forma positiva. Eu sei que correspondo a uma

minoria dos jovens que consegue chegar aos dezesseis anos. Eu quero e vou conseguir levar a oportunidade para as mais diversas comunidades, porque acredito em mim e acredito no que me foi ensinado.



G RANDE PÁTRIA MÃE GENTIL

*Abandonaste teus filhos mais necessitados
Eles sofrem e precisam de ti
E você os rejeita, os esquece
Ainda que sejas gentil esqueceste de ser mãe, de ser pátria
E se és tão grande por que não dá conta dos seus filhos?
Grande pátria mãe gentil
Que só ama os seus filhos de amarelo
Dos verdes você tira a esperança
E o azul do céu só brilha para os que te enriquecem
E eu estou aqui, no preto da ordem, lutando por um grande PROGRESSO!*

Dayane Conceição

Bastidores

“O ato de escrever geralmente não é muito difícil para mim, já faz parte da minha vida, afinal escolhi uma profissão em que lido com isso a maior parte do tempo. Porém, quando me vi diante da tarefa de escrever um texto para esta publicação, descobri que é bem mais fácil falar – ou melhor, escrever – sobre os outros do que sobre si mesmo.

Antes de ser convidada para participar do projeto, nunca tinha parado para pensar a respeito desse negócio chamado Participação. No fundo eu sabia que o meu trabalho trazia algo de bom para mim e para os outros, mas não tinha percebido a sua real função. Foi através das conversas com os outros participantes e da escrita sobre a minha trajetória que pude refletir a respeito do que faço, da importância que isso tem para mim e das repercussões disso no local onde vivo.

Depois de um longo período sem ter idéia do que escrever, e após muitos rascunhos jogados no lixo, cheguei ao texto final com algumas perguntas e respostas que nunca tinham surgido na minha mente. Na verdade, esse texto não está finalizado, e nem sei se um dia estará, pois muitas das perguntas que nasceram ao longo desse processo ainda estão sem resposta.

Mas chego até aqui com a certeza de que a experiência valeu a pena. Foi muito bom parar por um momento a correria do trabalho diário e olhar para o que eu tenho feito. E gostei do que vi. Quanto às respostas, continuo a procurá-las.” (Manuelle)





‘Foi muito importante o processo de escrita, pois me fez lembrar momentos maravilhosos da minha vida. Cada parágrafo, cada frase, era um momento de minha vida que ia para o papel, me trazendo lembranças. Escrevendo esse livro, ri, chorei, despertei em mim todos os sentimentos capazes de trazer lembranças. E foi importante reviver mesmo aquelas que me fizeram chorar. Mesmo sendo apenas uma lembrança, mesmo sendo apenas um momento, aquele momento, o meu momento, eu o vivi. E por mais que isso tudo tenha se tornado passado em minha vida, era importante que eu lembrasse, para que eu pudesse saber o quanto vivi e tudo o que passei.

Foi maravilhoso esse trabalho com essa galera toda, discutindo nossas idéias a cada encontro para que hoje pudéssemos mostrar para vocês, leitores, o resultado do nosso trabalho: ‘o nosso livro’, este livro.” (Dayana)

“Como foi escrever esse texto? Para mim foi maravilhoso, lembrar vivências, histórias, antigas visões do futuro... nessa hora percebi que realmente as coisas mudam, as pessoas crescem e o tempo não pára. Eu sempre achei que já estava esperto demais, inteligente demais, vivido demais... Nossa, como eu estava enganado!

Abrir as caixas empoeiradas do meu passado em busca de antigos cadernos e agendas, para copiar textos e me lembrar de fatos... foi uma espécie de terapia. Sempre escrevi minhas idéias e opiniões. Passei também pelas minhas fases de deixar de lado isso tudo, mas sempre acabo voltando. Nunca tinha escrito nada com o objetivo de publicar.

Quando o Udi me ligou e conversamos sobre o projeto, tenho que ser sincero, enquanto ele falava cheio de energia sobre o livro, fiquei pensando: ‘o que vou escrever? Minha vida não deve ser nada demais perto das outras... Vai ser horrível!’ Bom, horrível eu sei que não ficou, e parei também com a ‘neura’ boba de ficar pensando sobre o que as pessoas vão pensar de tudo isso. Para mim, essa história já foi um sucesso, uma conquista pessoal!

Crescer é maravilhoso! E lembrar disso me fez muito bem. Foi como recarregar as baterias para continuar, com a mesma intensidade do começo, e com a mesma esperança para o final. Minha expectativa agora é somente entorno da compreensão das pessoas que terão esse texto nas mãos. Espero que possam tirar proveito de tudo isso sem ficarem julgando o que seria ‘certo’ ou ‘errado’. Estamos aqui para ajudar!” (Leandro)

“Escrever sobre a minha história me fez refletir a respeito do quanto é difícil definir-se a si mesmo. Descobri ainda que sei mais sobre o que realmente eu quero do que imaginava. Este texto me fez lembrar de toda essa passagem da vida que ainda não terminou, me fez pensar no quanto ainda posso viver.

O ‘olhar para dentro’ é um exercício difícil, doloroso e maravilhoso. Escrever meus pensamentos, compartilhá-los com o grupo e ainda publicá-los, me deixa muito feliz. Algo assim deve ser comemorado, lembrado. Sinto-me diferente, pois nunca imaginei que um dia as coisas simples seriam valorizadas. Percebi que atuar em projetos sociais é um ato de entrega e doação, que me leva para tão longe e me deixa tão próxima da realidade ao mesmo tempo. Senti todas as emoções novamente, revivi enquanto relatava os acontecimentos. Foi, é e será lindo, pois os livros são eternos, vidas que nunca se acabam.” (Gabriela)



“Falar de nós mesmos é muito difícil, o fácil é falar de outras pessoas. Relembrar a infância é ainda muito mais difícil. É como fazer um ‘exame de consciência’: há a necessidade de silêncio absoluto. Ou de um som ao fundo, para quem goste muito. Mas não pode haver ninguém para atrapalhar. Não pode haver telefone no gancho, ou campainha tocando. Precisa-se de um local ideal para se fazer isso. Talvez um jardim, com muitos pássaros, uma graminha para se deitar, uma árvore em que se possa sentar-se ao pé. Mas, então... esse meu ‘processo de escrita’ está todo errado! Hoje é dia 26 de novembro de 2006, irei viajar amanhã, segunda-feira, só retornando na quinta-feira na parte da tarde, dia do encontro do grupo. Eu não estou embaixo de uma árvore, tem muita gente aqui em casa e fazendo muito barulho. Bom, mas até agora eu estou conseguindo algo, espero que continue até o fim. Fim!!!” (Eron)

“Não existe participação sem diálogo! O processo de criação deste livro foi um dialogar constante com experiências riquíssimas de participação de sete jovens que atuam em diferentes espaços. Ao ver esta publicação, sinto-me satisfeito e inquieto. Satis-

feito pelo resultado, após vários meses de elaboração e de construção conjuntas, marcadas por momentos de prazer e (por que não?) algumas contrové-

rias. Esse processo não foi para nós isento de angústias. Cada um trouxe suas fraquezas, incertezas e medos sobre o percurso que traçava para si.

Sinto-me inquieto, pois a cada encontro que realizamos e a cada releitura dessas trajetórias de vida, novas provocações surgiam, fazendo-me questionar minha prática profissional e pessoal. Como disse o poeta, ‘a vida é a arte do encontro’, e foi justamente encontrando pessoas tão sensíveis às injustiças que algo em mim se modificou. Acredito que os sete jovens não queiram ser vistos como um exemplo a ser seguido, mas como ‘provocadores’ que possam nos causar inquietações, dúvidas sobre nossas convicções, mas, sobretudo, que possam nos trazer a certeza de que não estamos sozinhos em nossa luta.” (Marcelo)

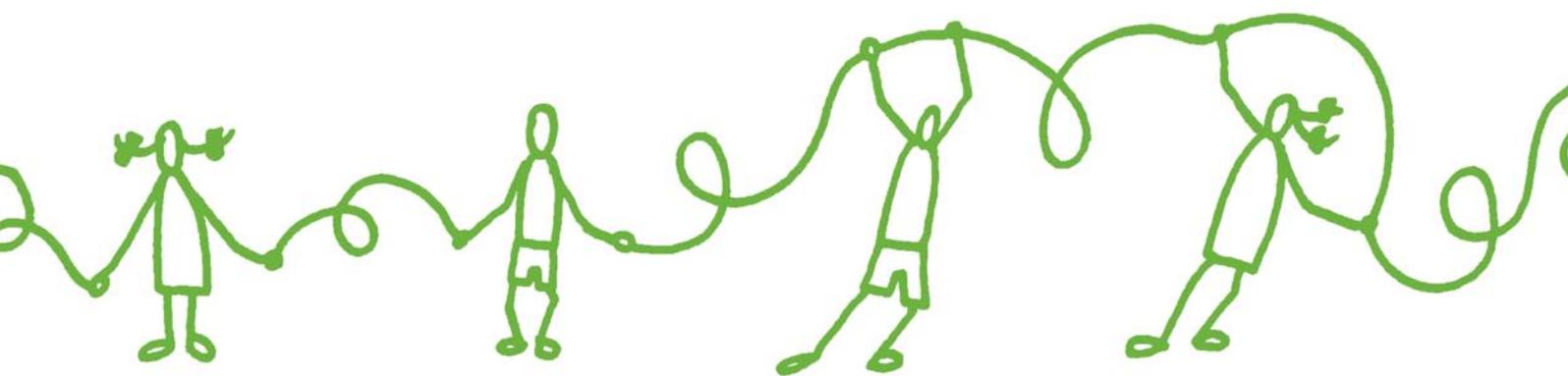


“Esta experiência não foi enriquecedora somente para os jovens, mas para toda a equipe do CIESPI que trabalhou neste projeto, e particularmente para mim. A cada encontro que se realizava, mesmo sem a presença de todos, eu era afetada por esse grupo, que a todo instante nos mostrava o quanto era e é valioso participar, mesmo sendo também extremamente difícil e doloroso. Quanto repensei as minhas ações!!

No início desta pesquisa eu tinha apenas uma vaga idéia do que significava este conceito: PARTICIPAÇÃO. No entanto após o processo de construção tanto do livro quanto da pesquisa, a minha visão foi-se modificando. A cada momento novos elementos iam me tornando convicta de que todos participam, porém de formas distintas e de que só se aprende a participar participando. Portanto, acredito que a participação seja uma conquista processual, infundável, constante. Não existe uma participação acabada, pronta. E quando se imagina ou se considera a participação como suficiente, ela então regride ou se torna estática.

Aprendi com este grupo a valorizar cada vez mais as simples ações, pois elas constituem o Participar. Aprendi também como é importante poder construir outros espaços nos quais todos possam sentir-se confortáveis para dialogar, interagir e enfim participar.” (Roberta)

“A idéia por trás deste livro era desenvolver um trabalho de reflexão individual e coletiva sobre o que é a participação para os jovens. Os textos aqui apresentados superaram em muito minhas expectativas iniciais, mostrando de forma nítida como a vida e a participação em iniciativas para a transformação social formam uma trança nas trajetórias desses jovens. Eu aprendi bastante com essas tranças e com o seu tear conjunto. Fizeram-me refletir sobre como eu mesmo participo nas lutas pela transformação social e sobre como poderia participar mais. Tentamos, no processo de criação do livro, praticar a participação o mais amplamente possível. E embora tenhamos encontrado muitos desafios no caminho, acredito que só se aprenda a participar participando. Assim lançamos esse livro pelo mundo. Ele agora tem suas próprias pernas e pode andar. Quem sabe que surpresas sua caminhada venha trazer? Espero que outros grupos de jovens também conquistem novos espaços para expressar o que acham importante e para refletir sobre como querem transformar o mundo. Que um outro mundo não seja apenas possível, mas alcançável.”(Udi)

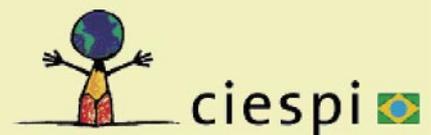


nós

Esse livro é fruto de um processo de criação individual e coletivo de um grupo de sete jovens provenientes de segmentos bastante diversos da sociedade carioca, entre 15 e 27 anos de idade. O livro apresenta as trajetórias destes jovens, focalizando sua participação em diferentes grupos, movimentos e projetos comprometidos com a luta por justiça social e cidadania. Os desafios, as dificuldades e os prazeres dos caminhos escolhidos por cada um são abordados nas narrativas sobre “suas vidas dentro do ativismo e o ativismo dentro de suas vidas”, ressaltando a esperança de que “um outro mundo é possível”.

Equipe CIESPI:

UdiButler . IreneRizzini . MarceloPrinceswal .
RobertaAbreu . Paula Caldeira . Alessandra Caldeira



centro internacional de estudos e pesquisas sobre a infância
the international center for research and policy on childhood

em convênio com a



Caixa Postal 38002 cep 22451 970
Rio de Janeiro – RJ Brasil
Tel/fax: (+) 55 21 2259-2908
ciespi@ciespi.org.br
www.ciespi.org.br